



Carlos Augusto Pereira dos Santos
Raimundo Nonato Rodrigues de Souza
Organizador

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO
ÂMBITO DO PARFOR DA UVA**
As Práticas Inovadoras do Curso de História

Camocim é um Pote de Histórias!
Textos e ideias do blog para sala de aula

Copyright © by Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
Todos os direitos reservados.

Avenida da Universidade, 850 – Campus da Betânia – CEP: 62.040-370 – Sobral - Ceará

Reitor

Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora

Izabelle Mont 'Alverne Napoleão Albuquerque

Pró-Reitora de Graduação

Ana Sancha Malveira Batista

Coordenação Geral do Parfor da UVA

Marlene Feliciano Figueiredo

Raimundo Francisco Gomes

Conselho Editorial

Antônio Francisco Gomes, Antonia Nilene Portela de Sousa, Francisca Geane de Albuquerque, Marlene Feliciano Figueiredo, João Paulo Eufrazio de Lima, Maria Valcidea do Nascimento, Nilton José Neves Cordeiro, Raimundo Nonato Rodrigues de Souza

Diagramação

Carolina Valois

Impressão

Gráfica e Editora Liceu



ISBN

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

TRAMANDO TEXTOS, TESTANDO TRAMAS:
ESCRITA E TECNOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA

PARTE I: DA SALA DE AULA PARA O BLOG.
OS ALUNOS DO PARFOR/UVA NA CONSTRUÇÃO
DO VI SETEMBRO CAMOCIM

PARTE II: DO BLOG PARA A SALA DE AULA:
OS TEXTOS DOS ALUNOS PARFOR/UVA/CAMOCIM
COMO FONTE PARA REFLEXÕES PEDAGÓGICAS
DOS ALUNOS DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
EM ENSINO DE HISTÓRIA DO CEARÁ DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – 

APRESENTAÇÃO

O PARFOR-Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, na modalidade presencial, é um Programa emergencial que atendeu ao disposto no Art. 11, III do Decreto nº 6.755, de 29/01/2009¹, o qual instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, com a finalidade de organizar, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério para as redes públicas da Educação Básica.

A partir do lançamento do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE/MEC), em 2007, que visa a implementação de políticas de melhoria da qualidade da educação, sobretudo da Educação Básica Pública e, atendendo tanto ao plano de Metas do MEC: “Compromisso Todos pela Educação”, como ao Plano de Ações Articuladas (PAR), instituído pelo Decreto 6.094 de 24 de abril de 2007, o PARFOR vem fomentando a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício nas redes públicas de Educação Básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.

Dentro do Plano de Ações Articuladas (PAR), o PARFOR atende a formação docente em três frentes: a) Primeira Licenciatura, destinadas aos professores em exercício na Educação Básica e que não possuem nenhuma graduação; b) Segunda Licenciatura àqueles em exercício na Educação Básica, porém fora da sua área de formação específica e c) Formação Pedagógica aos Bacharéis em exercício na Educação Básica, porém sem a formação pedagógica que lhe garanta o efetivo exercício da docência.

Acreditando em propostas formativas inovadoras como as do PARFOR, é que a Universidade Estadual Vale do Acaraú, implementou desde 2009, com todo zelo, esse programa que objetiva a formação de qualidade de professores da Educação Básica.

A compilação das experiências exitosas em salas de aula dos cursos do PARFOR da UVA e as reflexões dos docentes formadores apresentadas aqui neste livro, mostra ações bem sucedidas de práticas na Educação Básica. Esse livro, a mim destinado a apresentar, reflete as ações ativas do professor-formador, dos professores-cursistas e as abordagens de estratégias de ensino e aprendizagem nas salas de aula das escolas, especialmente da Região Norte do estado do Ceará.

O livro retrata tanto o percurso do Programa Nacional de Formação de Professores na Educação Básica na Universidade Estadual Vale do Acaraú, mostrando seus desafios, percalços e conquistas, como as experiências dos atores envolvidos no processo: professor-formador, professor-cursista e, resultados de reconstrução da prática

¹ Este decreto foi revogado pelo Dec. 8.752/16. Atualmente, este último dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica.

pedagógica em sala de aula.

No momento, tenho um sentimento colaborativo, de cumpridor do dever através da universidade como reitor, contribuindo na gigante tarefa de concretização de uma educação de qualidade, através da formação continuada dos professores exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.

Portanto, a todos aqueles professores que compartilharam suas reflexões, experiências e observações, congratulo pela iniciativa em compilar esses textos numa obra de grande valia e que registra o desenvolvimento de um trabalho para a formação de qualidade de professores da Educação Básica.

Sobral, Ceará, Campus Betânia, maio de 2018.

Prof. Dr. Fabianno Cavalcante de Carvalho,

Reitor da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

TRAMANDO TEXTOS, TESTANDO TRAMAS: ESCRITA E TECNOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Professor do Curso de História da UVA
Professor do Curso de História PARFOR/UVA

Como profissional da história da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, sempre procurei disponibilizar e difundir o máximo possível o resultado de minhas pesquisas, seja em livros, palestras, aulas e, desde o ano 2009, com a criação de um *blog* denominado *Camocim Pote de Histórias* (www.camocimpotedehistorias.blogspot.com.br). A especificidade do título da ferramenta tecnológica, como se pode observar, está intimamente ligado com meu objeto de estudo ao longo de mais de vinte anos como professor do Curso de História da UVA.

Deste modo, a criação deste *blog* surgiu como uma necessidade de alcançar vários públicos usuários da internet, no sentido de contribuir para a construção da história do município de Camocim, suprimindo uma lacuna neste aspecto, além de, inicialmente, ter como objetivo, servir de ferramenta de pesquisa para professores e estudantes que lidam com a história local. Confesso até que, a experiência de alimentá-lo, fomentou ainda mais o projeto de elaboração de um livro didático de história, finalmente concretizado no ano de 2017 e adotado nas escolas da rede pública municipal de Camocim, para o nível de Ensino Fundamental II².

Fazendo uma referência ao título deste texto, exercitar a escrita num *blog* é um desafio. É preciso reinventá-lo continuamente, principalmente, devido à sua natureza de um espaço concebido para divulgação da história de um município específico. Tramar, nesse sentido não significa urdir ou ludibriar. Nem testar quer dizer oferecer um método altamente comprovado. Tramar é tecer fios e rastros que podem contar uma história e apontar significados. Testar é construir possibilidades, atitudes, instrumentos que possam revelar modelos experimentais diante da ação pedagógica de se ensinar história.

Ao longo do tempo que mantenho o *Camocim Pote de Histórias* no ar, procuro dinamizar sua escrita, criando seções específicas e relacionadas com a história do município, procurando atrair o público leitor, com chamadas em redes sociais como o *facebook*, como por exemplo, “Escritores de Camocim”, “Historiadores de Camocim”, “Religiosos de Camocim”. “Abril Pinto Martins” (dedicado ao aviador Euclides Pinto Martins

² Trata-se do livro *Historiando Camocim*, de minha autoria e da Profa, Gleiciane Freitas, que acompanha um Manual do Professor, editado pelas Edições UVA/ Global Gráfica. Sobral:2017.

e ao mês em que nasceu) e “Setembro Camocim”, a alusão ao mês de emancipação do município, dentre outras.

Em 2016, tive a oportunidade de lecionar na Turma de História PARFOR/ UVA/ CAMOCIM a disciplina optativa *História Local*. Como coincidiu ser ministrada durante o mês de setembro, desafiei os alunos a alimentarem o *blog* durante aquele tempo construindo textos para a ocasião SETEMBRO CAMOCIM, que naquele ano estaria em sua sexta edição. Desafio dado, desafio trabalhado. A ideia principal era que eles transformassem tradições, fatos, personagens, ideias, eventos, que eles conhecessem de perto e transformassem em pequenos textos adaptados para a linguagem de *blog*. Fizemos várias tentativas e orientamos a melhor maneira de apresentar os textos. Ao final foram publicados 23 textos que expressam a ideia inicial e que valeram como uma das notas das avaliações parciais da disciplina, agora enfileiradas nesta publicação, assim como atestam as limitações e potencialidades destes alunos. O mais importante, a meu ver, foi que os mesmos souberam tramar a singeleza da escrita com o recurso tecnológico.

Passado algum tempo, fui lotado para ministrar a disciplina de *Cultura e Cidade* no Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Como atividade prática relacionada ao ensino, propus aos futuros especialistas que os textos dos alunos da Turma de História/PARFOR/UVA/CAMOCIM, publicados no *blog* fossem revisitados e, a partir deles, utilizando-os como fontes e inspiração, pudessem escrever suas reflexões acerca do ensino de história e sugerissem intervenções pedagógicas em sala de aula.

O resultado foi a escrita de 13 textos que, diferente daqueles, não tinham como objetivo serem publicados em *blog*, mas, do mesmo modo, revelam potencialidades e limitações, porém, com um nível de elaboração maior e, assim como aqueles, foram objeto de avaliação na disciplina. A maioria destes textos apresentam sugestões de intervenções pedagógicas; quando não, fazem uma análise do texto-fonte sob a perspectiva do historiador, contribuindo para a percepção dos objetos históricos neles apresentados, realizando um interessante exercício de reelaboração textual.

Deste modo, os textos foram se tramando entre alunos e turmas, com níveis e objetivos diversos, experimentados em suporte tecnológico e retramados a escrita da história e que ora se apresenta aos leitores, através da publicação em formato de livro.

Boa leitura!

PARTE I

DA SALA DE AULA PARA O BLOG. OS ALUNOS DO PARFOR/UVA NA CONSTRUÇÃO DO VI SETEMBRO CAMOCIM

VI SETEMBRO CAMOCIM



Caros conterrâneos e internautas que acessam sempre o **CAMOCIM POTE DE HISTÓRIAS**, como fazemos há cinco anos, iniciaremos hoje mais uma temporada especial de postagens. Desta feita, será o **VI SETEMBRO CAMOCIM**, mais uma contribuição singela à história do município, por ocasião do mês de aniversário que marca os **137 anos** de nossa emancipação política. Como sempre, procuraremos trazer postagens e matérias inéditas que despertem o nosso gosto pela nossa história e procurando desenvolver uma consciência crítica de preservação e ressignificação da mesma. Neste ano de 2016 contamos com a colaboração valiosa dos alunos da **Turma de História da UVA/PARFOR/CAMOCIM** como forma de exercitarem o que estão experimentando no curso. Mãos à obra?!

1. A FORMAÇÃO ROCHOSA DA LAGOA DAS PEDRAS. CAMOCIM

Francisca Germanda Ferreira Barbosa
Aluna do Curso de História. PARFOR/UVA/Camocim

Se você pensa que no quesito belezas naturais, Camocim é apenas o detentor do maior litoral do Ceará com cerca de 62 km de praias paradisíacas, está enganado. Na localidade de Lagoa das Pedras, distrito de Amarelas, temos um sítio arqueológico com pinturas rupestres e formações rochosas conhecidas como “tanques”, como mostra a matéria abaixo.



Formação rochosa “Tanque”. Lagoa das Pedras, Amarelas.
Camocim-CE. 2016. Foto: Vanderlandia Araújo Teles.

As formações rochosas são elementos naturais, que aparecem na paisagem de diversos lugares com formas e tamanhos diferentes.

Na localidade de **Lagoa das Pedras** encontra-se uma dessas rochas em formato de “**tanque**” que acumulam água nas quadras invernosas. Outras pedras compõem o cenário nos seus arredores.

Há relatos da população que na época de uma grande seca esse tanque secou, mas não se informou com veracidade o ano desse acontecimento. Quando seco, percebe-se que seu fundo é semelhante a um funil, forma esta que impede visualizarmos seu término.

Segundo ainda estes relatos, populares usam este tanque quando cheio, para lazer, tomar banho, no abastecimento de água, lavagem de roupas, entre outras atividades.

No entanto, o tanque e o sítio arqueológico da Lagoa das Pedras como um todo, são pouco conhecidos e estudados. Cremos que, bem explorado, poderia ser utilizado como ponto turístico e histórico mostrando uma das riquezas naturais do nosso município e uma referência dos nossos antepassados.

2. COMUNIDADE DE “ABORRECIDO” PRODUZ HORTALIÇAS PARA O CONSUMO EM CAMOCIM

Na localidade do Aborrecido à 26 km de Camocim, existe uma comunidade que tira o seu próprio sustento através do seu trabalho com plantação de hortaliças que é realizado por homens e mulheres que descobriram um meio de sobrevivência no seu próprio lugar de origem.

Joana Darc dos Santos

Aluna do Curso de História PARFOR/UVA. Camocim.



Hortaliças na comunidade de Aborrecido. Camocim-CE. Foto: Joana Darc dos Santos

A plantação teve início no ano de **1990**, quando algumas mulheres plantavam **hortaliças** para o seu próprio consumo na comunidade de **Aborrecido**. Um dia, uma dessas mulheres sentiu a necessidade de vender as hortaliças para sua vizinha, que comprou e indicou outras vizinhas que também não tinham plantação em casa. Foi aí que as mulheres começaram a se unir e cada uma fez um canteiro no quintal de suas casas para plantar hortaliças. Como a produção aumentou, começaram a comercializar o excedente de hortaliças em **Camocim**. No início as dificuldades eram com a irrigação, pois naquele tempo a água usada para regar as plantações era de cacimba. Posteriormente a **Prefeitura de Camocim** perfurou um poço profundo que foi doado para as pessoas que trabalhavam com a referida cultura de hortaliças.

Uma senhora da comunidade chamada **Maria Genilda Gregório**, 38 anos, percebendo a necessidade crescente das mulheres em plantar as hortaliças, ofereceu um terreno de extensão de 40 metros quadrados que fica no fundo do quintal de sua residência. Todos os dias as mulheres vão regar as plantações enquanto seus maridos vão comercializar no mercado de Camocim. Os compradores recebem as mercadorias e vendem para seus clientes, gerando assim uma renda com base de R\$ 400,00 a R\$ 500,00 reais por mês para cada família.



Horta na comunidade de Aborrecido. Camocim-CE. 2016. Foto:Joana Darc dos Santos.

Quando começou a plantação era apenas um grupo de mulheres. Em seguida a plantação de hortaliças se estendeu para o restante da comunidade. Com o aumento do negócio, formaram um projeto e se associaram ao **Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Camocim**, que por sua vez orientou a comunidade a fazer um empréstimo no **Banco do Nordeste em Granja**, que tem linha de crédito para os agricultores com juros baixos e descontos no valor total do capital de giro

Esta atividade melhorou a qualidade de vida dos agricultores que além de investir nas plantações de **cebola, alface, coentro, pimenta** e até **berinjela**, compraram também seus veículos para o transporte das mercadorias para chegarem aos seus fornecedores com qualidade. O projeto deu tão certo que as plantações só tendem a crescer cada vez mais, com muito esforço e dedicação dos agricultores, que gostam muito do trabalho no campo.

Fontes Oraís:

Manoel Gregório do Nascimento, 69 anos, nascido em 04/09/1947, vigia contratado na escola Gregório Pedro do Nascimento, Aborrecido, Camocim-CE.

Maria Genilda Gregório, 38 anos, nascida em 01/08/1979; merendeira, concursada na escola Gregório Pedro do Nascimento, Aborrecido, Camocim-CE.

3. ANASTÁCIO PEDROSA E AS LEMBRANÇAS DA FERROVIA EM CAMOCIM

Charles dos Santos Silva
Aluno do Curso de História PARFOR/UVA, Camocim

COM OS OLHOS DE HOJE. RESTA-NOS VER A SAUDADE DA PARTIDA DO PASSADO.



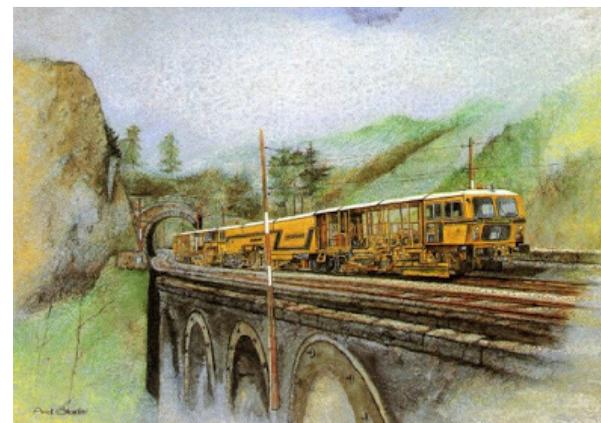
Carteira de Trabalho do Sr. Anastácio Pedrosa Filho. Fonte: Acervo da Família.

Anastácio Pedrosa Filho, nascido no dia 08 de outubro de 1961, na Maternidade Doutor Marques Bastos, na cidade de **Parnaíba-Piauí** era filho de **Anastácio Pedrosa, foguista e de Luzia Melo Pedrosa. Seu Anastácio**, um ex-ferroviário que morou em Camocim, em 14 de julho de 1975 passou a ser empregado da **Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA)**, da **2ª Divisão Operacional Cearense** com o cargo de maquinista, matrícula 30978, como informa seus documentos.

Camocim, originalmente, foi o trecho inicial da **Estrada de Ferro Camocim-Sobral** e, junto com o porto, foram de suma importância para a economia local. A linha histórica da antiga estrada de ferro, no período do século XX, chega a seu ponto máximo em **Oiticica** na divisa com o Piauí, em 1932. Seu Anastácio foi um morador de Camocim no bairro **Olinda**. Como todo ferroviário, participou dessa fase econômica de grande importância para a economia regional.

Dados deixados em seu diário de BORI constam datas desde 1967, cada bloco e locomotiva com suas numerações e dados de velocidade do trem. Os registros em seu diário mostram a seriedade e importância de seu trabalho como maquinista na estrada

de ferro, além de revelar aspectos do cotidiano de trabalho na ferrovia e as relações entre os funcionários.



Postal ofertado aos funcionários da RFFSA.
Acervo: Família do Sr. Anastácio Pedrosa Filho.

Anastácio tinha a responsabilidade de anotar e registrar toda e qualquer alteração ocorrida na locomotiva, sendo na velocidade, parada ou cargas extras como trazidas e levadas pelos seus vagões do trem, puxados pela conhecida Maria fumaça, assim chamada pela população camocinense que recebia a comissão com grandes demonstrações de alegria.

O tempo passou e ficou a saudade dos trens como assinala o poeta: “No hoje de nossos dias, decorridos tantos anos da partida definitiva do último trem da estação de Camocim, tudo quanto lhe abraça com os olhos tudo se torna assim como um sacramento, por que provoca uma recordação daquela glória passada?”. (XIMENES, Pe. Luís. Paixão Ferroviária. Ed. do Autor, 1984, p.194).

Fontes: Diário de BORI. Anastácio Pedrosa, p.196). Acervo da família de Anastácio Pedrosa.

Agradecimento: Cleciane Chaves e Nando (neto).

4. OS REZADORES DE CAMOCIM

Não se sabe ao certo em que ano ou data exatamente os rituais de rezas e benzeduras surgiram. Porém, alguns documentos registram rezas do século XVIII antes da cristianização da Europa por Carlos Magno. Em Camocim ainda é possível encontrar algumas pessoas que praticam esta cultura, como veremos na matéria abaixo.

*Gerlane Viana de Souza
Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim*



Sr. Evangelista, rezador. Camocim-CE. 2016.
Foto: Gerlane Viana de Souza.

Como cursista do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim e futura historiadora não poderia deixar de lembrar dos rezadores como mestres da cultura, desempenhando um papel fundamental na história de nossa cidade ao longo desses 137 anos, o qual completará próximo dia 29 de setembro.

O dom da reza, como preferimos assim chamar é ou pelo menos deveria ser passado de geração em geração. Antigamente era muito comum que a pessoa mais velha da casa fosse rezador (a), porém com o passar dos anos e as transformações acontecidas decorrentes da globalização, nos fez perder grande parte dessa herança milenar. O fato é que essa cultura está se perdendo no tempo.

Seu Evangelista, rezador muito conhecido na região onde mora, relatou-me que nenhum de seus filhos teve interesse em aprender. Seu Evangelista, ao contrário de al-

guns rezadores, diz poder ensinar a quem se interessar em aprender suas rezas. Quando indagado sobre quem o ensinou ele diz se tratar de um dom divino.

As rezas são orações acompanhadas na maioria das vezes de elementos tais como água, sal, ramos de arruda, linhas, rosários, etc. Benzer significa tornar bento ou santo, benzer uma pessoa é o ato de rezá-la pedindo para que o mal específico ou males se afastem.

Em nossa cidade os rezadores se fazem mais presentes no interior, onde a cultura das benzeduras, “de levar o menino prá rezar” é bem mais corriqueiro. Isso ocorre porque antigamente no interior as coisas eram bem mais difíceis, os médicos eram distantes, então as famílias tinham que recorrer aos céus e a sua fé. Não podemos deixar que essa cultura tão bonita e importante para a construção de nossa história se perca no tempo.

5. ASSOCIAÇÃO DO BAIRRO BOA ESPERANÇA.

Uma das formas do homem viver em sociedade é organizar-se em grupos de pessoas com um determinado objetivo. Deste modo, é imenso o leque que a sociedade dita civil se congrega em torno de associações com as mais diversas finalidades, sejam elas, filantrópicas, sociais, religiosas, políticas, dentre outras. Nesta matéria trazemos o exemplo da Associação do Bairro Boa Esperança e sua atuação junto à população daquela comunidade.

*Joselina Fontenele dos Santos
Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim*



Sede da Associação do Bairro Boa Esperança.
Camocim-CE. Foto: Acervo da Associação.

A **Associação do Bairro Boa Esperança** em **Camocim-CE**, foi fundada no dia **22 de setembro de 2002** e a sua primeira diretoria foi eleita com 14 membros, tendo

como primeiro presidente o **Sr. Manoel de Carvalho**. Tendo sido regularizada, a referida associação recebeu como doação um terreno do prefeito da época o atual deputado **Sérgio Aguiar**, localizado na **Rua Central nº 1010**, bairro Boa Esperança, onde a mesma construiu um **Núcleo de Apoio para Crianças e Adolescentes** através do programa **Sua Nota Vale Dinheiro** do **Governo do Estado**. Neste local fica também a sede da associação. De acordo com seu estatuto a eleição para renovação da diretoria acontece de dois em dois anos. Atualmente o presidente é o **Sr. Aderaldo Lima** e temos 192 associados e o núcleo da criança atende 150 crianças e adolescentes com vários cursos e oficinas. No núcleo de apoio funciona atualmente um Telecentro Comunitário com 10 computadores ligados à internet gratuita para as crianças e comunidade, um projeto em parceria com o Ministério das Comunicações. No local também é oferecido vários cursos e atividades culturais como **danças de rua** e a **quadrilha junina Saber Viver**. As atividades, contudo, não param por aí, à noite temos **cinema** para os adolescentes e a **Dança de Zumba** para as mães.



Crianças e adolescentes atendidos pela Associação do Bairro Boa Esperança. Foto: Acervo da Associação.

A Associação do Bairro Boa Esperança desenvolve também há muito tempo uma parceria com a **Secretaria Municipal da Educação** com uma turma de crianças com um reforço escolar atendendo 30 crianças. As reuniões da associação são sempre nos últimos sábados de cada mês às 19 horas. Comemora-se também as datas comemorativas do ano e para um bom andamento dos trabalhos temos uma parceria com a **Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania** e com os órgãos do município como **Conselho Tutelar, CREAS, CRAS** e **Ministério Público**.

Este é um belo exemplo que poderia ser copiado por outros bairros e localidades de nosso município.

6. A PRAIA DE MACEIÓ E A ENCHENTE DE 1985.

A Praia do Maceió em Camocim-CE é hoje uma das mais belas praias do país. No entanto, antes de sua descoberta pelos turistas, pouco se sabe sobre a história desta pequena vila de pescadores e um dos fatos que marcaram a vida das famílias neste lugar: uma enchente ocorrida no mês de abril de 1985 provocada pelas chuvas do inverno daquele ano invernos. A matéria abaixo descreve este fato e apresenta um pouco da história da hoje famosa Praia do Maceió.

Paulo Henrique dos Santos

Aluno do Curso de História do PARFOR/UVA/Camocim



Visão panorâmica da Praia do Maceió. 2016. Camocim-CE. Foto: Paulo Henrique dos Santos.

A **Praia do Maceió** já foi um pacato vilarejo de pescadores com difícil acesso. Até bem pouco tempo, o único acesso era feito pela beira da praia ou estradas de areia que quando começava o período das fortes chuvas, tudo se transformava em buracos e lamas. Os únicos carros que conseguiam entrar na desconhecida praia eram utilitários do tipo jipes e buggs ou carros com tração que naquela época era muito difícil. As poucas famílias sempre se deslocavam por meio de animais, carroças e a pé. A distância do centro da cidade de **Camocim** ao vilarejo é de 12 km. O local tinha como sua principal e única renda a pesca.

Em 1985, mais precisamente no mês de abril desse ano, ocorreu a grande enchente na praia que hoje é conhecida nacional e internacionalmente. Mas poucas são as pessoas que conhecem a história dessa praia divulgada e encanta por sua beleza.

Nessa época a comunidade era composta por uma média de **70 famílias**, quase todas as casas eram de taipas e cobertas por palhas de coqueiros ou carnaúbas, existia apenas uma casa de alvenaria, a da família do **Sr. Jonas Ciríaco**, um dos donos dos currais e comprador de peixes daquela época. Pequenos comércios vendiam mantimentos para os pescadores, conhecidos como bodegas, e seus donos eram: **Gregório, Raimundo**

Galucha, Dona Belarmina, Maria do Pato e Piragibe. Os donos destas respectivas bodegas eram os que tinham um maior poder aquisitivo, donos também dos currais de pesca (grandes cercados de madeiras e arames localizados há cerca de seis a dez quilômetros da praia, dentro do mar para capturar peixes de porte médio e grande).

Na época dos currais de pesca era a “época de grande fartura, pois a produção era muita e o custo barato”, como nos diz o pescador **Sebastião Ferreira de Sousa**. Foi em meio a essa fartura que veio a grande enchente, no período de muitas chuvas, no mês de abril de 1985. O então lago próximo a vila de pescadores, conhecido como **Lago do Boqueirão (Boqueirão)** é uma pequena localidade que fica à 15 km da praia, onde fica o lago) teve seu nível d’água muito elevado, sangrando e vindo de encontro com ao mar, que por sua vez provocaram grandes ressacas. “A maré subia muito no período de chuva, invadindo pequenas casas que ficavam próximo a praia” diz o pescador **Joaquim Eusébio da Costa**.



Detalhe da Vila dos Pescadores do Maceió. 2016. Foto: Paulo Henrique dos Santos.

A grande enchente fez com que moradores fossem embora, pois destruiu casas, plantações, deixando assim muitos desabrigados, mas, felizmente nenhuma morte foi registrada, somente a perda de bens materiais. Os moradores que ficaram na então vila de pescadores foram abrigados em barracões doados pelo **Tiro de Guerra 10 001** sediado em Camocim. O então poder público, representado à época pela prefeita **Ana Maria Veras**, vendo a situação dos moradores, construiu quarenta casas de alvenaria, cada uma composta de três cômodos, dando o nome do local de **Caucaia** situada na entrada da vila de pescadores abrigando assim as famílias. Com a solidariedade de muitos camocinenses, inclusive do poder público, foram doados mantimentos e vestes, fazendo com que o passar do tempo as famílias que ficaram na vila conseguissem voltar pouco a pouco à rotina, os pescadores às suas atividades e o então lago para sua nascente. A vila ganhou novas casas e uma estrutura diferente.

Hoje a vila virou um ponto turístico muito badalado com várias pousadas, restau-

rantes e servido de uma estrada asfaltada que a liga com Camocim e o resto do mundo.

Fontes orais: Entrevistas cedidas pelos pescadores e moradores Sebastião Ferreira de Sousa e Joaquim Eusébio da Costa.

7. O MINIMUSEU DA ROSINHA DOS BOLOS

A maioria das pessoas associam um museu como se fosse um local onde se guardam coisas velhas do passado. Mas, o que é museu? É uma instituição dedicada a buscar, conservar, estudar e expor objetos de interesse duradouro ou de valor artístico, histórico e que preserva memórias de pessoas ou lugar. Deste modo, a matéria abaixo apresenta um pouco do que temos no Minimuseu da Rosinha dos Bolos em Camocim-CE.

Maria de Fátima Fontenele dos Santos
Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim

Entrada do Mini Museu Rosinha dos Bolos. 2016. Camocim-CE.

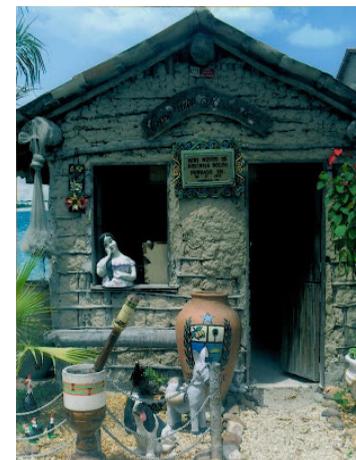


Foto: Maria de Fátima Fontenele dos Santos.

Em **Camocim** temos um museu que fica localizado no quintal da casa de **Rosinha dos Bolos**. O museu tem vários objetos que retratam a história de Camocim. Lá podemos ver objetos que pertenceram ao antigo Cine João Veras. Dentre vários objetos encontramos uma cadeira e um livro que pertenceram ao **Monsenhor Inácio Nogueira Magalhães** que foi pároco da cidade por quase meio século.

Encontramos também algumas máquinas de costura que pertenceram aos escravos e uma variedade de objetos antigos que conta a história de um povo que tem motivo para sentir orgulho de ser camocinense.



Detalhe do interior do Minimuseu Rosinha dos Bolos. 2016.
Camocim-CE. Foto: Maria de Fátima Fontenele dos Santos.

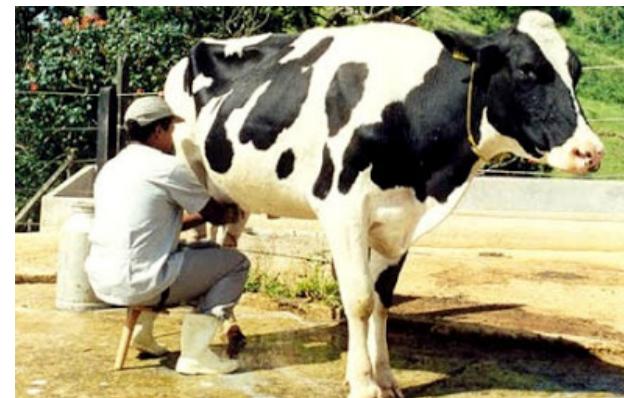
Para nós um museu é de grande importância, para conhecermos mais sobre a história de nossa cidade e de seus antepassados. Precisamos de algo que nos faça lembrar como era a origem de nossa bela cidade, por meio de objetos ou fotos. E Camocim tem grandes e belas histórias, que ainda não são conhecidas, mas não é por isso que devemos esquecê-las.

Através do poder público municipal projeta-se a criação de mais um museu em Camocim, com ênfase da cultura popular, onde as pessoas poderão conhecer a história de sua cidade e de seus antepassados, pois a história não pode parar.

8. OS PRODUTORES DE LEITE DE CAMOCIM

Camocim também pode ser apresentada como terra de muitas bravuras e recheada de vivências no campo da agroindústria e do comércio local que já foi bem mais aquecido em várias áreas. Na matéria abaixo destacaremos a produção de leite no município e seus principais produtores.

*Juliana Alves dos Santos
Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim*



Ordenha manual de leite. Fonte: sna.agr.br

No início dos anos 1980 surgiu o comércio das lactoses que teve local próprio como o conhecidíssimo “mercado do leite” que recebia o produto de várias localidades da região e funcionava com o apoio de grandes vacarias existentes dentro e fora da cidade, bastante conhecidas por terem um potencial apresentados por seus proprietários destacando alguns na zona rural como: Antonio Manoel Veras em Jacarandá, Benedito Barros na Santa Angela, Dr. Wilson na Flamengo dos Reginos, na cidade, o Senhor Lozim no bairro Olinda, Chaga Mendes no Campo de Aviação, Antonio Vieira na Rodagem o Lago, dentre outros que fomentavam esse mercado, dia a dia, de janeiro a dezembro levando aos lares leite de vaca puro e saudável.

Essa produção de leite empregava boa parte dos trabalhadores do campo que se envolviam nas atividades diárias de forma direta e indireta fazendo plantações e colhendo forragem para alimentação das vacas produtoras e seus filhotes.

No trabalho para a produção de leite, várias outras atividades são realizadas pelo homem do campo como: plantações de capim, de mandioca, cana de açúcar, milho e outras vegetações que pudessem ser incrementadas na alimentação dos animais. Uma das maiores novidades da época na região foi a plantação da forragem conhecida como Canarana. Outras pessoas cuidavam diretamente dos animais na alimentação, no conforto com banhos, tratamento de pequenos ferimentos, aplicação de repelentes contra

insetos e, claro, na ordenha manual. Esse era um serviço mais técnico porque exige uma maior habilidade pessoal e por isso, de vez em quando gerava desafio entre eles no qual se tornava um fato divertido, outra tarefa bastante empregatícia era a venda do leite porta a porta que ocupava um grande número de trabalhadores com missão árdua levar o leite puro ou não, aos lares camocinenses diariamente, exceto na Sexta- feira da Paixão porque nesse dia os criadores respeitavam a data religiosamente e os animais não passavam pelo o sacrifício da ordenha.

Como dissemos anteriormente, a concentração dessa atividade era no famoso mercado do leite localizado na antiga Rua da Alegria, depois nomeada Rua Senador Jaguaribe e hoje é a Rua José Maria Veras, onde chegava o produto de várias vacarias da região, com uma movimentação intensa desde às quatro horas da manhã. Homens chegavam com grandes e pequenas quantidades de leite e vaca, transportados por animais ou de bicicletas fazendo barulho, brincando, dando risadas dizendo prosa na tão formosa Rua da Alegria.

No início dos anos 1990 surgiu em Camocim a venda de leite da Indústria Lassa de Sobral que começou a enfraquecer esse comércio, aumentando a oferta e barateando o produto local que levou os produtores a entrarem em colapso diante do contexto comercial, tendo que parar praticamente a produção de leite camocinense.

Fonte oral: Sr. Luizinho, leiteiro, 73 anos, Fazenda Lago Seco. Camocim-CE.

9. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE LAGOA DAS PEDRAS - CAMOCIM

Camocim não é apenas o paraíso natural representado por dunas, mangues e praias. No interior do município, na localidade de Lagoa das Pedras, distrito de Amarelas, existe um lugar pitoresco com formações rochosas e pinturas rupestres. É disso que trata a matéria abaixo.

Vanderlândia de Araújo Teles

Aluno do Curso de História do PARFOR/UVA/Camocim



Entrada do Sítio Arqueológico de Lagoa das Pedras. 2016. Camocim. Foto: Vanderlândia de Araújo Teles.

A Localidade Lagoa das Pedras é um lugar pouco povoado, mas tem um desconhecido Sítio Arqueológico, que há algum tempo este foi ameaçado por pessoas que exploram comércio de pedras (ritadeiros). No entanto, pelo fato das pedras serem muito consistentes, eles desistem da exploração.

O local é recheado de histórias e lendas. Populares nos relataram que ao anoitecer, os habitantes do lugar mais antigos viam moças e soldados armados em cima das pedras.

Estas pedras nos trazem uma história de pinturas rupestres, que são desenhos que nos remetem a um passado distante, de marcos deixados por antepassados. Alguns arqueólogos já visitaram o lugar, mas não deram ainda a devolutiva e deixaram o povo desta comunidade na curiosidade de saber realmente quem foram as pessoas que habitaram o lugar.

Ainda sobre os relatos dos moradores, este lugar teria sido encantado por fadas, pois no dia em que descobrisse o que significava o que estava naquelas pedras o lugar se tornaria uma cidade e o descobridor ficaria rico.



Detalhe de pintura rupestre. Sítio Arqueológico Lagoa das Pedras. 2016. Amarelas. Camocim-CE. Foto: Vanderlândia de Araújo Teles.

O local é recheado de histórias e lendas. Populares nos relataram que ao anoitecer, os habitantes do lugar mais antigos viam moças e soldados armados em cima das pedras.

Estas pedras nos trazem uma história de pinturas rupestres, que são desenhos que nos remetem a um passado distante, de marcos deixados por antepassados. Alguns arqueólogos já visitaram o lugar, mas não deram ainda a devolutiva e deixaram o povo desta comunidade na curiosidade de saber realmente quem foram as pessoas que habitaram o lugar.

Ainda sobre os relatos dos moradores, este lugar teria sido encantado por fadas, pois no dia em que descobrisse o que significava o que estava naquelas pedras o lugar se tornaria uma cidade e o descobridor ficaria rico.

Este lugar deve ser estudado para tirar as dúvidas desta comunidade para saber quem foram os que deixaram estas marcas. Por outro lado, entendemos que se o lugar for bem estudado e preservado poderá ser um local de visitação turística e histórica.

10. AS PARTEIRAS DE CAMOCIM

A matéria recupera a maneira como os camocinenses vinham ao mundo com a ajuda das parteiras, num tempo em que os serviços médicos e obstetáricos eram muito precários.

*Francisca Karla Pinto Lima
Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim*



Cadeira de Parto. Fonte: Reprodução/ScienceMuseum.org.uk

Antigamente em **Camocim** era muito comum as mulheres terem seus filhos em casa com ajuda de uma parteira. Minha sogra, **Dona Ivonete**, conta que os partos dos seus filhos foram feitos pela parteira conhecida como **Dona Maria Balbina**, que era uma das mais requisitadas da cidade. Ao entrar em trabalho de parto imediatamente ela era chamada. Sem muitos recursos e contando muitas vezes com a sabedoria popular, salvavam vidas, onde o poder público não as alcançavam com os serviços médicos. Os materiais utilizados eram simples e arcaicos, mas, na maioria das vezes, eficientes.

De prontidão iniciava-se os trabalhos de parto apalpando a barriga da gestante para sentir o quanto as contrações estavam acontecendo. Panos limpos, água quente, tesoura esterilizada e uma cadeira com um buraco no meio, para a gestante se sentar e uma dose de palavras meigas e firmes, deixavam calmas e confiantes as futuras mães.

Os primeiros cuidados com o bebê eram prestados pela parteira, que dava o primeiro banho e orientava quanto à forma de cuidar do cordão umbilical do recém-nascido, para que caísse mais rapidamente. No pós-parto, por um determinado período de tempo, havia uma série de restrições, tanto alimentares, quanto de atividades domésticas, como por exemplo: de não poder se abaixar, manter relações sexuais ou tomar banho com água fria.

Hoje em dia, as grávidas dispõem de facilidades para ver o bebê, para saberem se estão em perfeita saúde e sem qualquer deformidade ou doença. Ultrassonografias de rotina e as ecografias 3D ou 4D são incríveis, porque nos permitem ver o bebê mesmo no útero. Nas gestações de 30 anos atrás não tinham como ver o bebê no útero. As mães só podiam imaginar a carinha do seu bebê e tinham que se contentar com o que o médico ouvia e dizia sobre os batimentos cardíacos. Hoje estamos acostumadas a irmos ao ginecologista antes, durante e após a gravidez. Este médico é especializado em controlar o desenvolvimento e crescimento do bebê no útero e normalmente, com o passar do tempo, construímos uma relação de confiança com ele.

Mas, há mais de 30 anos, as revisões na gravidez podiam ser feitas somente por uma parteira. Existiram várias parteiras em Camocim, na qual destaco algumas delas: **Maria Gaúcha, Maria do Lino, Creuza, Maria Balbina, Raquel e a Mãe Filó** como era conhecida.

Atualmente, em alguns municípios, como Sobral, as parteiras são incluídas no sistema de saúde recebendo instruções e cursos de especialização numa parceria interessante entre o saber médico e a cultura popular.

Fonte oral: Dona Ivonete.

11. AS LEMBRANÇAS DO SR. CARLOS SALU

O Sr. Carlos Salu ultrapassou a barreira dos cem anos. Traz com ele não apenas o peso da idade, mas também a lucidez de quem já viveu e viu as mudanças através dos tempos. A matéria abaixo traz um pequeno perfil deste cidadão com as suas lembranças mais pertinentes.

*Maria de Fátima das Chagas
Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim*



Sr. Carlos Salu. Tapuio. Camocim-CE 2016. Foto: Maria de Fátima das Chagas.

O **Sr. Carlos Salu de Oliveira**, nasceu numa sexta-feira e o calendário marcava **17/01/1908**. Hoje ainda bastante lúcido, apresenta apenas sinais de deficiência auditiva, mas com uma visão de criança. Conhecido no lugar onde mora como **Carlos Salu** é uma pessoa simples, amigo e um velho conhecido da família. Morador na localidade de **Tapuio dos Crespos**, que fica a 39 km de **Camocim**, o **Sr. Carlos Salu** vive com seus 108 anos de idade. Suas lembranças mais recorrentes são dos períodos de seca, onde teve que deixar sua terra natal em busca de melhoria para sua família. Ao passar por esse período o mesmo voltou para seu lugar de origem. Ele relembra do Camocim do passado, com a presença da **Maria Fumaça**, onde o trem era único meio de transporte da época, quando ainda não tinha o cais como tem hoje, e as ondas da praia iam até o **Mercado Público**.

Hoje no Tapuio tudo mudou. Há escolas para todos e transportes à porta. Só ficou a lembrança do passado e vamos continuar vivendo o presente que parece um sonho.

Fonte oral: Carlos Salu de Oliveira, 108 anos. Tapuio dos Crespos. Camocim-CE.

12. O SURGIMENTO DO ASSENTAMENTO JATOBÁ

A conquista da terra ainda é uma das bandeiras de lutas de agricultores sem-terra no Brasil. Em Camocim também essa luta já ocorreu. A matéria abaixo discorre sobre o surgimento do Assentamento Jatobá situado na localidade de mesmo nome.

*Antônia Disney dos Santos
Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim*



Vista panorâmica do Assentamento Jatobá. 2016. Camocim-CE. Foto: Disney Santos.

As terras que hoje fazem parte do **Assentamento Jatobá** já pertenceram a outros donos. Até ano de 1996 o local era conhecido como **Jatobá dos Parentes** devido seus proprietários terem este sobrenome. A partir de ano de **1996** o **Governo Federal** resolveu desapropriar a terra negociando com seus proprietários no sentido de criarem assentamento para abrigar pessoas que não tinham casa própria e nem terra para plantarem, já que moravam em terrenos alheios.

Com a desapropriação da terra, pessoas de várias localidades vizinhas foram convidadas a participarem das reuniões no local com o intuito de serem cadastrados pra ganhar uma casa e passar a ser um morador assentado, de projeto do governo federal. Antes das construções das casas houve várias reuniões com os candidatos à vaga das casas.

No local morava cerca de 20 famílias, onde algumas ficaram morando no local, outras se foram. Já se construíram suas casas no local onde já estavam. O projeto na época era para 60 famílias e as casas tinham todos o mesmo modelo. Antes existiam no local projetos de coqueiros e cajueiros onde moradores da região trabalhavam para os antigos donos.

Em **13 de julho de 1997** foi realizada uma assembleia para que fosse escolhido o nome da associação, a eleição e posse dos membros que iriam representar a entidade.

perante a sociedade, conduzida pelo **Sr. Marcos Antônio Freitas**, técnico da EMATERCE de Camocim. Para o primeiro mandato da primeira diretoria da **Associação Comunitária do Assentamento Jatobá** (ACOAJ) foram escolhidos para o mandato de 02 anos: Manoel de Brito Paiva - Presidente; Raimundo Nonato dos Santos - Vice-Presidente; Antônio Raimundo dos Santos - 1º Secretário; Dalila Ângelo da Conceição - 2º Secretário; Manoel Vital dos Santos - 1º Tesoureiro; Raimundo Antonio de Carvalho - 2º Tesoureiro. O Conselho Fiscal ficou constituído por Edimilson Lino de Oliveira, Francisco Maximiano de Paiva, Marcio Rodrigues de Araújo, Francisco Vital dos Santos, Sebastião José da Costa, Manuel Martins Rodrigues.

Para a construção das casas os moradores receberam ajuda financeira do INCRA para a compra do material e do pedreiro e eles entre si se ajudavam na mão de obra, uma espécie de mutirão, assim as casas foram construídas e seus proprietários passaram a ocupá-

Hoje na comunidade Assentamento Jatobá se encontram aproximadamente 80 moradores no local e todos com uma sobrevivência bem melhor que antes. No ano de 1997, com o povoamento do Assentamento Jatobá, veio à necessidade de uma escola para atender as famílias que ali habitavam. Como não havia local apropriado, instalou-se uma escola provisória num estábulo, que funcionou até o ano de 1999.

Quando foi aprovado pelo legislativo e sancionado pelo executivo a lei de criação 668-A99, precisamente no dia 08 de agosto foi inaugurado o prédio da **Escola Hipólito Ricardo Pinto**, localizado dentro da vila Assentamento Jatobá às margens da CE 085, distrito de **Amarelas**, município de Camocim, a escola recebeu este nome 'segundo moradores' por políticos da época, visto que outros nomes tinham sido sugeridos pela comunidade local.

Depois de sua inauguração a escola iniciou suas atividades educativas com as séries de 1ª a 4ª série de educação infantil, tendo como diretor geral o senhor **Manoel de Brito Paiva**, no início das atividades até o ano de 2004, juntamente com os primeiros professores, professoras da educação infantil: **Oliveira de Paiva Lopes**, 1ª e 2ª séries: **Antônia Disney**, 3ª série: **Maria das Graças** e 4ª série: **Manoel Vital**.

Desta época até os dias atuais, três novos diretores estiveram à frente dos trabalhos da escola, o **Sr. Francisco Marciano Roques** de 2005 até junho de 2006, quando então assumiu a **Sra. Maria Rocilda da Rocha** que permaneceu na escola até 2012. Durante este período a escola ampliou as turmas e séries, da educação infantil ao ensino médio, como também EJA- educação de jovens e adultos. Aproximadamente 30 professores deixaram serviços prestados, onde alguns dos primeiros continuam trabalhando na escola.

De 2005 para cá a escola teve muitos destaques de reconhecimento como: **Selo Escola Solidária**, reconhecida pelo MEC, UNESCO, CONSED e UNDIME, nos anos de 2005 e 2007. Escola nota 10 pelo SPAECE em 2008. Outros prêmios e reconhecimentos também não menos importantes foram concedidos a esta instituição.

No ano de 2013, a escola passou a ter como diretor o **Sr. Manuel Vital dos Santos Filho** que continua até os dias atuais.

No âmbito social a escola sempre disponibilizou suas instalações para o atendimento na área de saúde, reuniões de associação e eventos.

UM POEMA A CAMOCIM

As paisagens e cenários camocinenses são realmente inspiradores para artistas plásticos, escritores, poetas, dentre outros. A matéria abaixo é simplesmente um poema de louvor à Camocim.

Francisco da Paz Pessoa (Silvio Paz)

Aluno do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim



Rio Coreáú. Camocim-CE. 2016. www.luissucupira.com.br

MEU RIO, MEU MAR

*Este rio que passa na minha frente
Deslumbrante de charme e beleza
É somente o tom da natureza,
Despertando meu subconsciente
E este sol que me queima tão quente
E me irradia o brilho no olhar
E eu aqui sentado à beira mar
Vendo as velas surgirem calmamente.*

*Sobre as dunas ardente como o sol
Vejo areia de rara claridade,
Como nuvens encobrem a cidade,
Pelo vento em forma de lençol.
Os coqueiros, os mangues, o farol
E a maré no cais a balançar
Com as canoas bailando sobre o mar*

*Sincronismo que enfeita o arrebol.
Quem me dera se eu fosse um marinheiro
E em teu leito pudesse navegar
Para contigo nas matas me embrenbar.
E pelo vale subir o dia inteiro,
As nascentes seria meu roteiro
E o Atlântico meu ponto de chegada
Nem que fosse em plena madrugada,
Para que a lua pudesse ver primeiro.*

*Oh! Senhor que com a sua sábia e generosa mão
Fez a vida tudo florescer
E alegria de cada amanhecer
Quando há verde e água no sertão,
Eu lhe peço com toda devoção
Nos proteja da sujeira do estio
E preserve as belezas do meu rio
Sempre viva para toda geração.*

13. A LOCALIDADE DE BOQUEIRÃO DOS ROSAS

No dicionário, boqueirão  pode significar uma saída larga para um campo, abertura de um rio ou canal, ou mesmo uma quebrada entre montanhas. No entanto, nessa matéria, falaremos sobre a localidade de Boqueirão dos Rosas, no município de Camocim-CE, distante 15 Km da sede e situada entre as comunidades de Cangalhas e Boqueirão dos Adroaldos.

Maria Geissiane da Conceição Silva
Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim



Centro da localidade de Boqueirão dos Rosas. Casas da Família Rosa.
2016. Camocim-CE. Foto: Maria Geissiane da Conceição Silva

Antigamente essa localidade era conhecida por **Boqueirão dos Inácios**, pelo fato dos integrantes dessa família serem os primeiros habitantes do lugar, sem, no entanto, ter-se nenhum registro oficial. Com o passar do tempo alguns componentes dessa família foram embora para Camocim e outros faleceram na própria localidade. Depois da chegada da família Inácio na localidade veio a segunda família, conhecida como **“Família Rosa”**, um grupo de pessoas que se estabeleceu rapidamente na localidade chegando a ser uma das maiores famílias das comunidades vizinhas.



Visão antiga da localidade de Boqueirão dos Rosas. Foto: Acervo Família Rosa.

Com o tempo, o nome da localidade passou a ser **Boqueirão dos Rosas** pelo fato de ser uma das maiores famílias que habitavam na localidade, passando a ser registrada oficialmente em cartório, aproximadamente nos anos 1970. Com o passar do tempo outras famílias foram chegando à localidade, entre elas estão a família **Andrade, Maximiano, Lázaro e Moura**, fazendo assim a localidade crescer mais rápida. No ano de 1999 foi construída na localidade uma escola que recebeu o nome de **João Maximiano de Sousa**. A escola recebeu esse nome por causa da doação do terreno feita pela família Maximiano. Depois da construção da escola houve um pequeno conflito entre as famílias Maximiano e Rosas, pois, a família Maximiano além de ser contemplada com o nome da escola queria também a renovação do nome da localidade para **Boqueirão dos Maximiano**. No entanto, como o nome da localidade já estava em registro oficial e não poderia mais modificar a família Rosa ganhou a questão sendo confirmada em cartório o nome da localidade como Boqueirão dos Rosas.

Atualmente habitam no local aproximadamente 105 pessoas. A comunidade tem muitas belezas naturais e uma das principais fontes de renda é a produção de verduras e a agricultura, trazendo assim o sustento das famílias.

Fonte: Entrevista com Antônia Oliveira, em 26 de setembro de 2016, coordenadora pedagógica. Entrevista realizada na escola João Maximiano de Sousa por Geissiane Silva.

14. A FESTA DA LAGOSTA

A junção da atividade econômica e prática cultural podem render tradições. De alguma forma foi isso que ocorreu quando Camocim era o maior polo lagosteiro do Nordeste entre os anos 1970 e 1990. A cada final da pesca da lagosta era realizada uma grande festa dançante que escolhia entre as jovens da cidade sua rainha e princesa. A Festa da Lagosta ainda sobreviveu à atividade pesqueira e teve 34 edições. É disso que estamos falando na matéria abaixo.

Irlenilson Brito

Aluno do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim



Da esquerda para a direita. Sara Alice, eleita Rainha e Cynthia Monteiro, como Princesa da Lagosta. Camocim-CE. 2010. Última Festa da Lagosta em Camocim. Fonte: Camocim Online.

Era por volta dos anos 1970, sempre no mês de maio que se iniciava a **pesca de lagosta** em Camocim. Quase sempre no **Primeiro de Maio**, amigos e familiares se reuniam por toda nossa linda orla marítima para verem a saída dos desbravadores do mar, mais conhecidos como lagosteiros, heróis que saíam mais uma vez em busca de seu sustento e do sustento de suas famílias, onde muitos chegavam a passar até 90 (noventa) dias navegando em nosso maravilhoso **Oceano Atlântico**, pois na época era uma grande marca na economia da cidade.

O fim da pesca já era esperado mesmo quando nem se tinha dado início, pois a mesma era marcada por um grande evento, evento esse que era destaque em toda a região norte, conhecido como a FESTA DA LAGOSTA.

O evento passou a ser o mais esperado do ano e que boa parte da população de Camocim gostaria de estar presente, pois além de ser um evento festivo também era um evento de realização de sonhos. O ponto alto da festa era a eleição da **Rainha** e da **Princesa** da Lagosta, na qual várias meninas sonhavam em ganhar as respectivas

faixas. O primeiro evento aconteceu pelos anos de 1970 no famoso COMERCIAL CLUB, onde contava com grande apoio das empresas locais de pesca. Já por volta de 1991 à festa já acontecia na AABB de Camocim, clube que serviu também de palco para várias atrações que até hoje são lembradas por muitos. Com o passar dos anos a festa foi se expandindo cada vez mais chegando ao ponto de ser transferida para o LIONS CLUB que tinha como objetivo arrecadar fundos para a manutenção de uma **Escola Monsenhor Inácio Nogueira Magalhães** que era mantida pela instituição.

Após 33 anos consecutivos de festa, a 34ª edição foi realizada em **julho de 2010** no mais famoso clube da cidade, então conhecido como SÍTIO FORRÓ LEGAL localizado na **Rua João Pessoa** atual saída de Camocim, ainda sob a organização total de Lions Club. Desta vez ninguém imaginava que ali estavam diante da última Festa da Lagosta de Camocim, pois muitos já criavam expectativas para o ano seguinte. Somente com a chegada do ano de 2011 passou-se a perceber nitidamente que aquela tradição cultural havia entrado no túnel do abandono e que a festa que era um diferencial em Camocim ia passar a ser esquecida. Hoje, pode-se imaginar quantas memórias temos dessa festa? Quantas histórias foram perdidas? Quantos sonhos realizados seriam arquivados? Enfim... Para alguns camocinenses seria normal, pois Camocim deveria se chamar de “terra do já teve” e não seria a Festa da Lagosta que iria mudar esse cenário.

15. A PASSAGEM DA TOCHA OLÍMPICA

Em 2016 o Brasil sediou a 31ª edição dos Jogos Olímpicos. O símbolo dos jogos - a Tocha Olímpica percorreu várias cidades do país, dentre elas, Camocim. A matéria abaixo discorre a passagem da tocha em solo camocinense.

Glaucimar da Silva Gomes

Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim



Monumento alusivo à passagem da Tocha Olímpica em Camocim. 2016. Fonte: veja.abril.com.br

Quando se pensou que algum dia em nosso litoral pudesse ver algo simbólico de tamanha importância para o esporte mundial e nacional como a Tocha Olímpica? Um símbolo que por onde passou deixou as mais diversas polêmicas, uma chama que vem de tão longe, atravessando continentes e países para enfim chegar em terras tupiniquins. Mas não vem ao caso fomentar aqui as mais diversas polêmicas que surgiram sobre a passagem da tocha em solo brasileiro e sim, sobre o que ela causou aos habitantes da nossa Camocim. Toda a cidade se mobilizou há meses para receber a tocha olímpica como uma ilustre visitante que vinha só de passagem trazendo consigo a esperança e sonhos de diversos atletas de alcançar o podium olímpico. As pessoas ficavam ansiosas acompanhando nos noticiários de telejornais por onde a tal tocha vinha passando, querendo saber se a ilustre visitante estava perto de chegar em nossa cidade. Nas esquinas da cidade não se falava em outro assunto, “Tu vais ver a tocha passar?”, era inevitável não comentar sobre a passagem da tocha nem que fosse para xingar a nossa ilustre visitante.

Foi numa quinta-feira, 9 de junho de 2016 quando a tocha chegou inflamante em nosso litoral, arrastando multidões para vê-la passar em forma de revezamento para não correr o risco da chama olímpica se apagar, era quase impossível ninguém querer ver a tocha passar, até mesmo os que criticavam sua rápida passagem por nossa cidade. A tocha vinha escoltada por batedores de frente para impedir qualquer surpresa desagradável que pudesse acontecer ao símbolo maior dos Jogos Olímpicos. Por onde a tocha passava era aplaudida com emoção e vibração, as pessoas se aglomeravam pelas ruas querendo ver a nossa ilustre visitante, era como que se acendesse nos corações de cada pessoa uma chama de esperança de que vale a pena lutar por algum ideal para chegar ao pódio das realizações. Era indescritível a reação das pessoas que tocavam na tocha, todos queriam tirar fotos e fazer selfies como lembrança deste fato histórico que talvez não se repetirá tão cedo em nosso litoral.

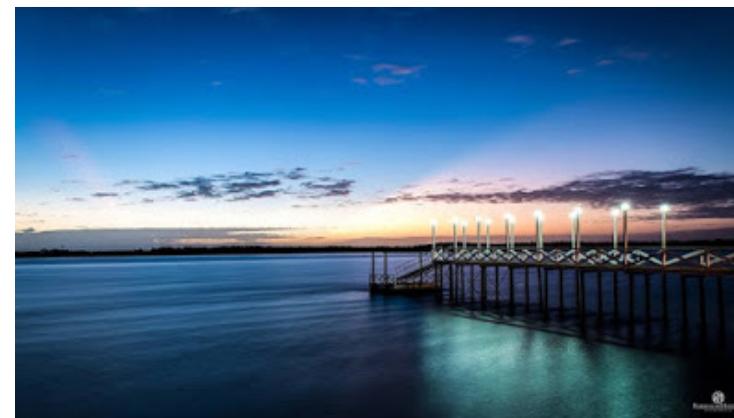
17. HOMENAGEM AOS 137 ANOS DE CAMOCIM

Uma terra que possui tanta beleza só poderia servir de inspiração para belos textos. Confira na matéria abaixo a declaração de amor à Camocim pelos autores

Valdecir Roberto Coutinho

Participação especial: José Carlos Alves Rocha

Aluno do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim



Pier Marcus Tavares. Camocim. 2016. Foto: Robervaldo Monteiro.

Ó bela Camocim, és excelência por natureza e senhora por tanta beleza, por isso mãe, não é com uma simples palavra e nem tampouco com um simples gesto que posso te dissertar, peço-te licença para adentrar nas tuas intimidades porque te conheço e sei das tuas qualidades. O orgulho me envaidece por eu ser teu filho e a alegria toma conta de mim quando falo das tuas belezas, dos teus encantos e da tua nobreza.

Ó terra do sol e do sal, naturalmente tens um passado histórico secular fascinante, és possuidora de belas praias, morros brancos, dunas e coqueirais, os teus dias são aquecidos pelos raios escaldantes do astro rei e as tuas noites prateadas pelo luar. Nos transmite paz e nos embala em profundo sono enquanto a brisa suave marinha da madrugada para sobre todo teu corpo, fazendo com que os teus beijos gelados umedeçam tuas ruas e tuas praças, tu és palco dos corações apaixonados e fonte vital de inspiração dos poetas, trovadores e cancioneiros.

Outrota eu não vivi o teu passado por completo, porém quem te conheceu fala dos teus velhos casarões, da tua fraca iluminação a motor, das tuas ruas despavimentadas e de algumas fabriquetas que existiam por aqui, falam dos magníficos e encantadores navios que tu atracaras em teu cais comercial e do avermelhado e tão belo trem de cargas e passageiros que te ligaras a capital do estado e a outras unidades da federação.

Ó encantadora rainha, fonte agraciada, dentre todas, é a mais bela e mais querida,

fonte arquitetada pela mão divina ao ponto de receber por teus encantos títulos e condecorações de rainha soberana, mas tu não és somente isso, no fulgor da tua existência e nos teus deslumbramentos, tu ultrapassas os sonhos e as imaginações.

Poeticamente é necessário muita inspiração para falar de teus carnavais, festivais, folclore, lendas e tradições, sabem que teus braços acolhes o brilho intenso da lua e o orvalho salgado das correntes marinhas e sei também que em teu berço esplêndido repousam os teus amados e idolatrados filhos, és também amada e adorada pelos teus visitantes e por todos que te conhecem.

Ó querida mãe, tenho orgulho de ser teu filho, pois o calor de teu colo aquece-me o coração dando-me palavras continuadas de que sempre serás minha eterna mãe.

18. A PESCA ARTESANAL EM MACEIÓ-CAMOCIM

Maceió é uma vila de pescadores de Camocim. Ultimamente observa-se uma diminuição da pesca artesanal. A matéria abaixo elenca os problemas que acarretam essa diminuição e traça um perfil desta brava vila de pescadores em nosso município.

*Leiliane do Nascimento Sousa
Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim*



Praia do Maceió, 2016. Camocim-CE. Foto: Leiliane Sousa.

A **Praia do Maceió** era conhecida como a vila de pescadores, onde a principal fonte de recursos para as famílias da comunidade e o único fator econômico era a pesca artesanal. Conforme foi se implantando melhorias na infraestrutura da região como, por exemplo, a construção de uma estrada asfaltada, ocorreram mudanças socioeconômicas, principalmente a crescente presença do turismo, melhorando assim o acesso e abrindo caminhos para as descobertas de belezas naturais, tornando a pequena vila em

um ponto turístico da cidade.

Hoje a vila passou a ser conhecida internacionalmente como Praia do Maceió, despertando interesses e trazendo investidores estrangeiros para comunidade.

A vila que vivia apenas da pesca artesanal passou a desenvolver uma nova atividade econômica: o turismo. Com isso, a mesma foi sendo desvalorizada por alguns moradores, e pelos filhos dos pescadores, sendo que muitos preferem valorizar o que o turismo tem a oferecer do que preservar a cultura e a memória da comunidade. Os traços da pesca encontrados hoje na localidade, são cultivados pelos poucos pescadores existentes, como: canoas expostas, pequenas pesqueiras que são usadas para guardar alguns dos materiais utilizados na pesca (redes, a vela da canoa, motores, e caixas para armazenar gelos e pescados) as mesmas são construídas de materiais artesanais da região.

A pesca artesanal foi diminuindo sua produção desde 1988, cerca de 70% e junto o trabalho dos pescadores. Sendo que a praia do Maceió foi uma das praias que mais produziu pescados da região. Porém hoje a realidade é outra, pois os moradores locais estão se adequando a uma realidade imposta pelo setor econômico desenvolvido pelo o turismo, deixando de lado a prática da pesca artesanal tão valorizada e sinônima de fartura e equilíbrio cultural.

Segundo o **Sr. Sebastião Ferreira de Sousa**, pescador e nativo da comunidade, desde 1995 houve mudanças na condição de vida dos moradores. Hoje cada morador tem uma qualidade de vida bem melhor, mas por outro lado surge uma grande preocupação: alguns dos nativos não querem mais preservar a cultura e a memória do lugar. “É motivo de tristeza ver que alguns dos nativos, não querem mais cultivar a pesca artesanal”.

O desejo do Sr. Sebastião e de alguns moradores é que a situação da comunidade continue melhorando, mas que os nativos não abandonem e nem deixem acabar a pesca artesanal. E que ela permaneça e seja valorizada por todos que vivem na comunidade, representando a cultura e a memória da Praia do Maceió.

19. A FLAMENGA DOS FERREIRAS

A história de um lugar é a história das pessoas desse lugar. Deste modo, são elas que possuem a memória de suas origens. A matéria abaixo discorre sobre a comunidade de Flamengo dos Ferreiras na zona rural de Camocim.

Antonia Irla Mendes de Brito

Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim.



Escola, posto de saúde e fábrica de doce na comunidade de Flamengo dos Ferreiras. 2016. Camocim-CE. Foto: Irla Brito.

Manuel Ferreira da Silva nasceu em 1895 em **Camocim**, no distrito conhecido como **Guriú**. Em 1915 foi embora para **Belém do Pará**, onde casou com uma mulher muito importante da cidade e que era filha do prefeito, a senhora **Maria Luísa**, por volta de 1923. Junto com sua esposa, e seu irmão **José Ferreira da Silva** resolveram voltar para Camocim, onde decidiram comprar algumas braças de terras, como na época era conhecida, terras que ainda não havia ninguém por lá, e que tinha um valor muito inferior em comparação com o de hoje, pois a mesma se encontrava à alguns quilômetros da cidade. Anos depois nasceram seus filhos e com o passar dos anos foram amadurecendo e construindo suas famílias, que por sua vez foram se estabelecendo sobre as terras de seus antepassados, onde hoje se encontra a quarta geração da **Família Ferreira**.

José Ferreira da Silva que era um dos herdeiros doou uma parte da terra para construir a **Escola Manuel Ferreira da Silva**, fundada em **13 de março de 1989** nome dado em homenagem ao patriarca da família, que na época havia falecido. Vale ressaltar que em 1980 além da Família Ferreira já habitavam também a **Família Mota**. Em 1991 foi alcançado um grande sonho de todos que ali habitavam, a tão sonhada energia elétrica. Daí em diante a comunidade já não era mais considerada como um matagal e sim como **Flamenga dos Ferreiras** que desta forma ficou conhecida e respeitada por todos, nosso lugarzinho na zona rural de Camocim que hoje é habitada por cerca de 300 (trezentas) pessoas.

Fonte oral: Rosa Amaral Ferreira, 68 anos, aposentada. Entrevista realizada na comunidade de Flamengo dos Ferreiras por Antonia Irla Mendes de Brito.

20. O CAFUNDÓ DE DONA BELA

Sabe aquele lugar que se confunde com um morador e vice-versa quanto à sua denominação? Este é o caso de Dona Bela, moradora da localidade de Cafundó, na zona rural de Camocim-CE. Com o tempo e as atividades exercidas por ela, como rezadeira, parteira, dona de um time de futebol e praticante do candomblé, o lugar acabou sendo chamado de Cafundó da Dona Bela por sua presença constante nestas práticas. A matéria abaixo destaca esta personagem de 85 anos de idade que sente hoje o peso da idade e se tornou evangélica.

Darciane Costa dos Santos

Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim



Dona Bela, 15.09.2016. Camocim-CE.

Foto: Darciane Costa dos Santos.

Izabel Alexandre da Costa Rodrigues, popularmente conhecida na região onde mora como **Dona Bela**, tem 85 anos, mora na zona rural de **Camocim**, na comunidade do **Mororó**, há 8 Km da sede. Teve vinte e sete filhos e atualmente tem apenas nove.

Dona Bela nasceu e cresceu na **Comunidade do Cafundó**, localizada na zona rural de Camocim, onde desenvolveu sua trajetória de vida. Ainda muito jovem começou a ser **parteira** e dona de terreiro de umbanda, adquirindo fama de **macumbeira**, como se chama na região, fama esta que a tornou uma pessoa bastante conhecida na sua localidade e vizinhanças.

Na comunidade do Cafundó só tinha ela de parteira. Perguntamos quem a ensinou e ela afirmou que ninguém. Ela relata que resolveu ser parteira por conta da necessidade, pois, nessa época na década de 1950 o acesso aos médicos era difícil para as pessoas que moravam no interior. Ela relata que quando as mulheres estavam sentindo

as dores do parto, alguém ia chamá-la, poderia ser a hora que fosse. Para se deslocar ela usava como meio de transporte um cavalo. Dona Bela conta com entusiasmo de suas aventuras e que levou várias quedas de cavalo durante as viagens e quando o parto era perto de sua casa ela ia a pé.

Ao perguntarmos se ela lembrava quantos partos fez ao longo de sua vida, a mesma sorriu... e gentilmente respondeu que não teria como saber ao certo a quantidade exata, mais relata ter sido mais de duzentos partos. Perguntamos se acontecia de alguns bebês morrerem durante o parto, ela disse que sim, pois, os partos eram demorados e às vezes as crianças passavam do tempo de nascer. Relatou também que a procura para ela realizar os partos era constante, por ser muito conhecida. Além das pessoas de sua localidade, outras pessoas de lugares vizinhos sempre iam lhe requisitar para trazer os bebês ao mundo.

Além de parteira como já dissemos acima, ela também era macumbeira o que a tornou bastante conhecida não só apenas no interior mais também em várias cidades levando ao conhecimento de muitos a localidade do Cafundó. Outro fator que contribuiu para isso, foi o fato de que próximo de sua casa ter um campo de **futebol** onde sempre aconteciam vários campeonatos e por ela se destacar como dona do time do Cafundó e torcedora mais atuante. Atualmente Dona Bela mora com um de seus filhos mais novos na comunidade do Mororó. Por conta da influência do mesmo, Dona Bela se tornou **evangélica** e afirma com convicção que ainda é parteira, uma profissão que está desaparecendo.

Ela traz consigo boas lembranças de vida e muitas histórias para contar sobre o local onde ela passou sua vida - o Cafundó... Por isso muitos falam no **Cafundó da Dona Bela**.

21. A PESCA PREDATÓRIA NO LAGO DO BOQUEIRÃO

O território do município de Camocim é banhado por vários lagos, dentre eles o Lago do Boqueirão, um dos mais extensos. A matéria abaixo destaca o potencial do lago para o lazer, como fonte de alimento para a população e a pesca predatória que aconteceu no ano de 2001.



Rozângela Oliveira Ribeiro

Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim



Moradores em lazer no Lago do Boqueirão. Camocim-CE.

Foto: Acervo Família do Sr. Antonio Francisco Ribeiro.

O **Lago do Boqueirão** como é conhecido deveria chamar-se de Lago dos Boqueirões já que o mesmo é a separação das comunidades de **Boqueirão dos Rosas** e **Boqueirão do Dourados**, duas comunidades humildes que tem em comum o lago que os separa.

Mas porque falamos do Lago do Boqueirão? Talvez porque, como já citei anteriormente era um ponto de lazer e também gerava renda para as comunidades situadas em suas margens em tempos de bons invernos. Nestas situações o lago proporcionava um berçário para os peixes, onde se reproduziam em grandes quantidades, pois oferecia as condições ideais para isso, proporcionava um belo banho de lago, onde os visitantes e as pessoas da própria comunidade podiam renovar as energias em suas águas, limpas e refrescantes. Os visitantes com espírito mais aventureiros que vinham se refrescar no lago muitas vezes se arriscavam a pescar seu próprio alimento, de forma artesanal utilizado, por exemplo: linhas, caçoira e etc. Os peixes mais comuns eram o **cará** e a **traíra**, que eram encontrados em abundância e serviam de alimento para os moradores daquele lugar e regiões vizinhas.

Por volta do ano **2001** aconteceu um fato que marcou a história desse lago, pois algumas pessoas vindas da localidade de **Araras** começaram a explorar de forma exa-

gerada os peixes mais abundantes da região, com ajuda de alguns moradores das localidades que se situavam a beira do lago.



Flagrante de pesca no Lago do Boqueirão. Camocim-CE.
Foto: Acervo Família do Sr. Antonio Francisco Ribeiro.

Eram pescados em média de 3.000 e peixes, retirados do lago de forma predatória com técnicas de pescaria não convencionais. Alguns moradores daquelas comunidades perceberam que daquela forma os peixes seriam extintos e prejudicaria não só a fauna da região como também os moradores. Deste modo, decidiram fazer uma denúncia ao **Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis** - IBAMA, mas não obtiveram êxito e, por si mesmos, começaram a combater a pesca. Alguns moradores das duas comunidades se uniram e passaram a tomar atitudes como, por exemplo, cortar as redes daqueles que se atreviam a pescar de bateadeira (forma de pesca ilegal onde as redes de pesca são dispostas em círculos e depois os pescadores batem com varas na água assustando os peixes e deixando-os atordoados, tornando assim, mais fácil capturá-los) e quebrar as canoas daqueles que eram flagrados com práticas de bateadeira .



Lago do Boqueirão atualmente. 25/09/2016.
Camocim-CE. Foto: Rozangela Oliveira Ribeiro

Foi uma luta árdua onde os moradores perderam, algumas espécies de peixes que foram extintas e outras que se tornaram escassas. Atualmente o lago está seco devido aos invernos fracos tendo sua última cheia no ano de 2010. Na atual situação, o banho de lago e a abundância de peixes são apenas boas lembranças do lago dos boqueirões.

Para produzir este texto conversei com o **Sr. Antonio Francisco Ribeiro** que mora há muitos anos em **Boqueirão dos Rosas** e que me relatou sobre a pesca de bateadeira, fato conhecido de todos daquela região.

22. A FESTA DE IEMANJÁ EM CAMOCIM

A Festa de Iemanjá acontece em todo o Brasil, principalmente entre os seguidores afro-brasileiros onde a orixá goza de grande popularidade. Em Camocim a festa é realizada a cada 15 de agosto onde os centros umbandistas se encontram à beira mar para homenagear a Rainha do Mar.

Luzenira Pereira Lima



Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim

Antônia Pereira Lima, Mãe de Santo. 2016. Camocim-CE. Foto: Heliene Teixeira.

No Brasil, **Iemanjá** é um orixá que goza de grande popularidade entre os seguidores de religiões afro-brasileiros e até por membros de religiões distintas. Em cada cidade tem a tradição diferente de homenagear a Iemanjá. Essa festa é muito importante para os umbandistas de **Camocim**. No dia **15 de agosto** é comemorada a **Festa de Iemanjá**.

As pessoas se reúnem para presentear a Iemanjá a **Rainha do Mar** com flores, perfumes, velas e músicas de **umbanda**. À noite cada chefe de terreiro faz a sua comemoração em homenagem a rainha das águas em seus terreiros com comes e bebes

A Dona Antônia é médium desde os 10 anos de idade, mas foi aos 12 anos que ela assumiu que tem o dom, onde ela foi formada, cruzada e coroada para desenvolver a sua corrente de umbanda. Atualmente ela está com 66 anos de idade.

Ela também conta que todos os umbandistas têm que registrar o seu terreiro de umbanda para trabalhar. O terreiro dela foi registrado como Rainha das Águas através da Associação de Umbanda e Candomblé em Camocim.

Este trabalho foi muito importante para mim, pois foi interessante falar do festejo de Iemanjá e também conhecer a realidade da vida de Dona Antônia como umbandista.

Fonte oral: Antônia Pereira Lima, 66 anos de idade, doméstica, mora na vila São Luiz N° 65, em Camocim, ano 16/09/2016 entrevistada por Luzenira Pereira Lima.

23. A HISTÓRIA DO PESCADOR PAULO

Com esta postagem, encerramos o VI SETEMBRO CAMOCIM que neste ano teve a valorosa colaboração dos alunos do Curso de História UVA/PARFOR/Camocim. Na matéria abaixo, a história do pescador Paulo Ferreira Lima, muito parecida com a trajetória de tantos outros pescadores camocinenses.



Antonieta Ferreira Barbosa

Aluna do Curso de História UVA/PARFOR/Camocim

Carteira Profissional de Pescador de Paulo Ferreira Lima.

Camocim-CE. Fonte: Acervo particular de Paulo Ferreira Lima.

O pescador Paulo Ferreira Lima é um dos remanescentes pescadores de barcos de pesca de Camocim na década de 1970. Brasileiro, nasceu em 7 de julho de 1952 e tornou-se pescador pelo fato de alguns membros de sua família serem pescadores e também por gostar da profissão, a qual escolheu e atuou por muito tempo.

Pescar foi seu principal trabalho, que iniciou desde seus 17 anos com os demais tri-

pulantes da época que trabalhavam avulso nas pequenas navegações, como as lanchas Santa Isabel, Joana Dark, dentre outras.

Anos se passaram e com 23 anos passou a trabalhar em embarcações grandes, já de carteira assinada pelo Ministério da Marinha, em Camocim. O início do trabalho de carteira assinada foi em 28 de agosto de 1974, em várias embarcações, todas documentadas como manda a lei.

Diante de toda jornada de trabalho e por problemas de saúde, não foi possível continuar na profissão que gostava tanto, deixando de atuar no dia 23 de junho de 1997.

Hoje em dia ele atua ainda na pesca, mas, não de carteira assinada, mas por gostar da profissão e por gostar de pescar. Atualmente, o nosso pescador recebe um auxílio-doença por não poder mais trabalhar.

PARTE II

DO BLOG PARA A SALA DE AULA: OS TEXTOS DOS ALUNOS PARFOR/UVA/CAMOCIM COMO FONTE PARA REFLEXÕES PEDAGÓGICAS DOS ALUNOS DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA DO CEARÁ DA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - UVA

1. CAMOCIM: O PORTO, O MAR E O TREM

Robert David B. P. C. Marques

Aluno do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

RESUMO: Falar em Camocim vem automaticamente na memória o porto, o mar e o trem, embora alguns desses elementos já não estejam mais ativos na cidade. A história da cidade se passou e ainda passa por todos esses lugares, permeando a vida de todos os que moram ali. O trem, cujos trilhos saíram definitivamente da cidade há quase quatro décadas, ainda permanece no imaginário da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Camocim; Porto; Trem.

INTRODUÇÃO

A história do trem em Camocim começou longe, lá no final do século XIX, para ser mais exato, em 1878. Devido a uma grande seca que atingiu o Ceará entre 1877 e 1878, as autoridades locais, encabeçada por políticos de Sobral, fizeram um pedido ao Governo Imperial para a construção de uma ferrovia que cortasse o norte cearense, empregando em sua construção a mão de obra dos flagelados dessa seca e cuja ferrovia seria de importância para o desenvolvimento econômico da região. Diante do cenário exposto, prontamente o Império autorizou em 1878 a construção de uma estrada de ferro que ligasse o porto de Camocim, que passasse pela cidade de Sobral e chegasse até o sopé da Serra da Ibiapaba, na cidade do Ipu, passando assim por todos os lugares necessários da região. Assim surgia a Estrada de Ferro de Sobral (EFS).

Ainda povoado, Camocim rapidamente passaria por grandes transformações urbanas já no ano seguinte ao começo da construção da ferrovia, se tornando vila e conquistando sua emancipação política de Granja (posteriormente, cidade em 1883)³. O trem e o porto foi um casamento que fez muito bem a cidade, pois em poucos anos transformaria totalmente a paisagem do lugar, através do trabalho e da economia gerada por esses polos. Durante quase um século, boa parte da população na cidade se empregaria na estrada de ferro ou no porto, maiores expoentes econômicos:

O porto se prestou para as necessidades locais e regionais [...] isto é, o espaço das relações vivenciadas pelos trabalhadores que se constroem entre o porto e a ferrovia, e por extensão, todo o núcleo urbano que nasce e cresce a partir das atividades laborais que resultam dessa conjugação. O porto, neste sentido, é condição essencial para o surgimento da ferrovia [...]⁴.

³ No contexto da época, um povoado que se tornava vila, já podia ser considerado município, portanto, já teria liberdade jurídica e política em relação a sua antiga sede. OLIVEIRA, André Frota. A Estrada de Ferro de Sobral, Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 1994, p. 61.

⁴ SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. Entre o porto e a Estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim - CE 1920-1970. Fortaleza: INESP, 2014, p. 10.

Durante esse período, o navio e o trem eram os principais meios de locomoção nacional, no qual todo o transporte de pessoas, mercadorias e até mesmo a comunicação dependiam disso. Devido ao porto e ao trem, no início do século XX Camocim era uma cidade de destaque no estado, e rota necessária para se conhecer o interior cearense, principalmente aqueles que queriam visitar Sobral. Além disso, pelo porto era escoado toda a produção econômica da região, que chegavam na cidade através do trem:

Na década de 1920, saíam semanalmente dois trens cargueiros abarrotados de algodão, milho, peles, mamona, oiticica, cera de carnaúba, chapéus de palha e farinha de mandioca com destino a Camocim, de onde eram embarcados para o Rio de Janeiro, Liverpool, Manchester na Inglaterra, Recife, e, em menor escala, para Belém, São Luís, Fortaleza, destinados às Casa Boris e Casas Gradwohl⁵.

A partir da década de 1950, uma série de fatores foram determinantes para o paulatino desinteresse político e econômico da ferrovia em Camocim. A ligação férrea de Sobral com Fortaleza em 1950 e a nova preferência política nacional na indústria automobilística foram fatores que levaram à desativação de várias ferrovias em todo o país durante as décadas de 1950 e 1980. Camocim foi uma dessas ferrovias. Em 1977, sob alegação de ser um “ramal antieconômico”, a ferrovia que ligava a cidade com Sobral foi desativada e seus trilhos arrancados no início da década de 1980, sepultando assim quase um século de existência dos trilhos na cidade.

No auge do desenvolvimento econômico da cidade, especula-se que somente a ferrovia empregou diretamente 450 funcionários. Em 1950, ano em que as coisas começaram a mudar, as oficinas de manutenção de trens em Camocim tinham cerca de 300 funcionários (limadores, torneiros, caldeiros, ferreiros e fundidores; para cada função havia mestres e operários). Já na Estação de Camocim, entre a parte administrativa, como diretoria, sistema de telégrafo e de via permanente, havia aproximadamente 150 funcionários⁶.

Como podemos ver, somente na ferrovia eram 450 empregos diretos em uma cidade que tinha cerca de 35 mil habitantes naquele ano⁷, sem contarmos os demais empregos indiretos e claro, os trabalhadores do porto, já que ambos campos de trabalho estavam interligados.

Com o fechamento da ferrovia e da desativação do porto na década de 1970, economicamente falando, a cidade sofreu bastante. Sal, pescados e frutos do mar que eram e ainda são a base da economia da cidade viu a cada ano diminuir a produção, onde os mercados concorrentes se sobressaíram frente à Camocim. Atualmente a cidade ainda tem certo destaque regional na pesca de peixes e camarão, mas longe dos dias de destaque.

5 GIRÃO, Glória Giovanna Saboya Mont'alverne. *A Ferrovia e a Cidade: desafios da modernidade em Sobral (1870 – 1920)*. Sobral: Instituto ECOA, 2015, p. 38.

6 OLIVEIRA, *Op cit.*, p.103.

7 SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim-CE (1927-1950)*. 2ª ed. Sobral: Edição do autor. 2011. p. 2

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi brevemente falado, a história de Camocim se passa basicamente por esses três elementos: o Porto, o Mar e o Trem. Foram esses fatores que levaram a cidade ao desenvolvimento econômico e social. Quantos Franciscos, Joões, Josés não trabalharam e dependeram do funcionamento do porto e do trem? Quantos Paulos e Pedros tiveram que passar meses ao mar, em busca de uma pesca farta? Quantos filhos de maquinistas, estivadores, ferreiros, pescadores ou de outras profissões não seguiram a mesma carreira dos pais?

A história da cidade pode passar por muito disso, mas com certeza não será somente isso. Esses três elementos foram de fundamental importância para o surgimento e desenvolvimento urbano de Camocim, mas hoje já não influem como antes. O mar ainda é uma fonte de grande importância na cidade, mas os outros não. Agora nos basta procurar quais os novos elementos que a cidade se sustenta e como ele influencia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, André Frota. *A Estrada de Ferro de Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 1994.

GIRÃO, Glória Giovanna Saboya Mont'alverne. *A Ferrovia e a Cidade: desafios da modernidade em Sobral (1870 – 1920)*. Sobral: Instituto ECOA, 2015.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim-CE (1927-1950)*. 2ª ed. Sobral: Edição do autor. 2011.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Entre o porto e a Estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim - CE 1920-1970*. Fortaleza: INESP, 2011

2. AS LOCALIDADES DE BOQUEIRÃO DOS ROSAS E FLAMENGA DOS FERREIRAS.

Francisco Alcício Ferreira Quariguasil
Aluno do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

Os dois textos *A Localidade de Boqueirão dos Rosas* e *A Flamengo dos Ferreiras* abordam sobre o início de um povoado no interior de Camocim. No primeiro texto *A Localidade de Boqueirão dos Rosas* explica por meio do dicionário o significado de Boqueirão.

O que os dois textos têm em comum, além do fato dos autores abordarem o início dos povoados do interior de Camocim, é o fato de trabalharem com entrevistas, utilizando a História Oral. Segundo Alberti (1990), a história oral pode ser compreendida como um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc) que prioriza a execução de entrevistas com pessoas que testemunharam ou participaram

de acontecimentos, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc.

A História Oral é muito utilizada nessas condições como a que está no texto, como coloco Portelli citado por Matos (2006) a fonte oral pode não ser uma informação exata, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Podemos usar como exemplo essas localidades em que a autora afirma que não há nenhum registro oficial, mas por meio de uma entrevista com uma moradora da região foi possível ter conhecimento dessa história.

Mas há um equívoco, que é cometido e repetido nos dois textos, que é utilizar a entrevista como a própria história. O pesquisador-historiador deve analisar e interpretar a entrevista como fonte. Depois de transcrita, a entrevista ela deve ser analisada como qualquer documento.

Segundo Matos (2006) “o trabalho com fontes orais possibilitou trazer à História, como sujeitos e/ou testemunhos aqueles que, de certa forma, foram excluídos e colocados no anonimato, sem direito à memória”, por meio da História Oral foi possível contar a história desses moradores, pessoas que até então estavam “esquecidas” pela história. A história oral rompe com a ponto de vista singular dos acontecimentos e valoriza formas que destacam as pluralidades, expressas nos modos de vidas distintos, nas ações do cotidiano de sujeitos anônimos, e em outras formas de convivência desenvolvidas pelo homem e que problematizam aspectos que afetam, sobremaneira, o mundo contemporâneo.

Além de Alessandro Portelli, autores como Pierre Nora, Philippe Joutard e Chantal de Tourtier-Bonazzi, autores de capítulos do livro *Usos e abusos da História Oral* defendem a mesma como uma metodologia, que seria algo mais abrangente e complexo do que uma simples entrevista.

Os dois textos abordam de forma muito sucinta o início de duas localidades, quem foram os primeiros habitantes da região de Boqueirão das Rosas em que tem aproximadamente 105 pessoas, e está distante 15 km da sede, e na outra localidade a Flamenga dos Ferreiras possui cerca de 300 habitantes, está a alguns quilômetros da cidade.

A localidade Boqueirão dos Rosas, no início era conhecido por Boqueirão dos Inácios devido aos primeiros habitantes que chegaram ao local, mas com a vinda de uma segunda família a Família Rosa que se tornou uma das maiores famílias das proximidades, a localidade mudou de nome, mas não consta a data de nenhum desses acontecimentos.

Boqueirão dos Rosas foi registrada no cartório somente em 1970. Com o passar dos anos outras famílias foram morar lá, conseqüentemente o povoado foi crescendo. No ano de 1999, outra família, a Maximiano dou terras para a construção de uma escola. A escola então ficou com o nome dessa família. Mas a família Maximiano queria que a localidade mudasse de nome e se chamasse Boqueirão dos Maximiano, havendo um conflito entre esses grupos familiares, Maximiano e Rosas, mas não conseguiram mudar o nome, pois já estava registrada oficialmente.

A fonte de renda é a produção de verduras e a agricultura.

Na localidade Flamenga dos Ferreira, está mais associada à história de Manuel Ferreira da Silva, que depois de sair de Camocim foi para o Pará e casar, voltando para Camocim, onde compra terras mais afastadas do centro da cidade. Assim como no Boqueirão das Rosas, a família dominante doou também terra para a construção da escola. Em 1999 chegou no Flamenga dos Ferreira a energia elétrica. Diferente do primeiro texto, este é mais resumido, com poucas informações sobre a localidade, não falando, por exemplo, da fonte de renda.

Ao ler esses textos, sempre associo à história de Sobral, pois além de ser minha terra natal, possuo alguma leitura sobre o início da cidade, e pude encontrar algumas semelhanças, como por exemplo a doação de terras de famílias mais ricas, seja para igreja, seja para escola, o conflito entre as famílias mais poderosas e/ou influentes.

Didatização (Ensino Fundamental • Anos Iniciais - História)

Toda a cidade ou lugar têm uma história. Essa história pode começar com a construção de uma igreja. Ou de um colégio, ou mesmo de uma fortaleza, ou de outras diferentes maneiras. Ao longo do tempo, muitas pessoas participam da história da cidade.

No início dos povoados havia poucas casas. Depois eles foram crescendo até se tornarem vilas. À medida que mais pessoas chegavam, formavam-se outros povoados e vilas. Ali viviam pessoas com as mais variadas profissões: professores, fazendeiros, agricultores, pedreiros, comerciantes, pintores, alfaiates, etc. A localidade de Boqueirão dos Rosas, tem início com os primeiros moradores, em que antes se chamava Boqueirão dos Inácios, pois a família Inácio foi uma das primeiras a construir suas casas. Mas, não tem nenhum documento com esta informação.

Quadro

Você sabe o que significa Boqueirão?

Boqueirão é uma rua que dá para o rio. Uma saída larga para um campo.

Com o passar do tempo, uma segunda família veio morar nessa localidade, a Família Rosa, se tornando uma das maiores famílias das comunidades vizinhas. Foi nesse período que o local passou a se chamar Boqueirão dos Rosas. Foi registrado no cartório nos anos 1970. Se passaram mais alguns anos e outras famílias foram morar no Boqueirão dos Rosas, fazendo assim a localidade crescer. Em 1999 foi construído a escola João Maximiano de Sousa.

Quadro

Você sabe porque esta escola tem esse nome? Qual o nome da sua escola? Você sabe quem foi esta pessoa?

Atualmente moram nesta localidade 105 pessoas, esta localidade pertence à cidade de Camocim, situada na zona rural. Em um município, a cidade também é chamada de área urbana, e o campo, de área rural ou zona rural. Na cidade, há ruas com várias casas, lojas, bancos, escolas e hospitais. E no campo normalmente há mais vegetação natural e

plantações, tem menos construções, as estradas são menores. No campo também pode haver fábricas, armazéns, depósitos, lojas, escolas. Boqueirão das Rosas tem como fonte de renda, a produção de verduras e a agricultura, trazendo o sustento das famílias.

Atividades

Faça no caderno uma linha do tempo da história de sua localidade. A que atividade econômica a maioria dos moradores da região se dedica? Que tal fazer a maquete de alguma construção de sua cidade? Organizem-se em grupos. Escolham a construção que vocês vão representar. Pode ser uma casa, uma praça, a escola, um monumento, uma fonte, uma estação de ônibus, etc.

Proposta de Atividade de Ensino

Como proposta de atividade de ensino, na minha concepção o mais adequado seria uma aula de campo interdisciplinar, onde poderíamos trabalhar a Geografia, principalmente no Boqueirão das Rosas, já que a autora nos deu mais informações acerca do local, Biologia e a História Local.

Na aula de campo de **Geografia** podemos trabalhar os seguintes pontos:

Desenvolver a prática do olhar geográfico;

Consolidar a base teórica (permitindo que os alunos vivenciem e experimentem de forma mais intensa o que foi abordado em sala de aula);

Saber fazer a leitura espacial (utilizando os instrumentos cartográficos e os aspectos da natureza);

Formas de relevo terrestre;

Tipos de climas do planeta terra;

Formação vegetal da superfície terrestre.

Na **biologia** podemos trabalhar os seguintes pontos:

Identificar as características dos biomas brasileiros;

Avaliar a importância da preservação de sua biodiversidade;

Identificar os biomas no estado de Ceará;

Conhecer o bioma cearense;

Utilizar os dados gerais para nível de comparação com outros biomas;

Identificar a fauna e a flora do nosso bioma cearense.

Com a **história local**, podemos fazer uma visita pela localidade, analisando a arquitetura, se possível uma breve explanação com Antonia Oliveira, que cedeu a entrevista, para assim falar um pouco da História do Boqueirão das Rosas.

No final da aula de campo os alunos poderiam fazer: confecção de um mural com imagens antigas e atuais de alguns pontos da cidade comparando a evolução desses lugares. Culinária: confecção de cartazes com imagens e informações sobre a culinária. Confecção de um mural com as fotos tiradas em campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. **História Oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski De. **História Oral Como Fonte: problemas e métodos**. Disponível em: <<https://www.secr.furg.br/hist/article/viewFile/2395/1286>>. Acesso em 2 nov. 2016

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

3. A ASCENSÃO DA MULHER NO PROCESSO HISTÓRICO: BREVES ABORDAGENS.

Francisco Jailson Salviano Brito

Aluno do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

No contexto histórico, a mulher sempre esteve à margem da escrita oficial da história e de uma memória coletiva que omitia o seu papel de direito dentro de uma sociedade que apenas instituía a figura masculina como construtora dos acontecimentos existentes. Todavia, é inegável a importância das mulheres no antigo e atual contexto histórico vivido em todo o mundo.

Um dos desafios encontrados na atualidade diz respeito às discussões travadas sobre a importância da participação das mulheres no processo histórico e essencialmente na memória histórica. Não de modo generalizado, mas as mulheres, em partes, nunca buscaram uma posição superior à dos homens, mesmo ganhando migalhas no que refere a seu papel dentro da sociedade. Várias mulheres travaram lutas em busca de uma igualdade perante aos homens, mesmo enfrentando dificuldades em sistemas patriarcais que delegavam a mulher apenas como uma procriadora e dona do lar. Igualdade, 'ainda que tardia' é o que elas querem até os dias atuais. Nota-se, de início, que grandes representações femininas estiveram às vistas em todo o mundo. No Brasil por exemplo, vários acontecimentos marcaram o início de grandes avanços em detrimento da garantia de políticas públicas em favor da figura da mulher. Exemplo claro desse processo é a figura de Maria da Penha, marco do enfrentamento da violência contra a mulher. Não obstante a isto, vê-se a figura da mulher brasileira como exemplo na imagem de uma apenas, mas a mulher brasileira sempre foi influente dentro da sociedade, mesmo não fazendo parte de uma esguia parcela frequentadora dos altos palacetes da

sociedade brasileira, várias figuras constituíram e constituem sua essencial função na sociedade, seja contemporânea ou de tempos passados. Nos primórdios da colonização brasileira, as mulheres exerciam funções de suma importância para o crescimento da colônia. Trabalhavam em fazendas, lavavam as ceroulas dos membros da corte para que andassem espalhando um bom odor; no comércio contribuía para o crescimento da economia e em grande maioria, escravas, tratadas a chibatadas para contribuir com o seu suor e esforço ao crescimento de uma pequena aristocracia emergente.

Simone de Beauvoir em sua obra “O Segundo Sexo”, deixa claro no início uma marca dessa resistência da mulher enquanto ato essencial dentro de um contexto histórico masculinizado, apesar de a mulher ter sido ensinada desde o berço não apenas se portar como inferior e ser submetida aos mandamentos existentes de um patriarcado que conspurcava a representação de uma mulher livre de direitos e de livres-arbítrios básicos, até então negados. Tudo contribui para confirmar essa hierarquia sobre a figura feminina.

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento, que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É, pois, necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher⁸.

Adiante, uma clara apresentação da maioria das mulheres, meninas, contrapondo a seguir um modelo igual ao da mãe, bem visto nos dias atuais.

A filha *não quer* assemelhar-se a ela e rende culto às mulheres que escaparam à servidão feminina: atrizes, escritoras, professoras. Entrega-se com ardor aos esportes, aos estudos, sobenas árvores, rasga vestidos, tenta rivalizar com os meninos. Quase sempre colhe uma amiga para confidente e essa amizade é exclusiva como uma paixão amorosa e comporta em geral a de segredos sexuais; as meninas trocam informações que conseguiram obter e as comentam⁹.

Esses modelos que essas mulheres seguem, dizem muito sobre a sociedade em que elas estão inseridas, pois mesmo que de forma indiretamente foram moldadas pelos modelos impostos por esta. O espaço físico da cidade também é constituído pelas construções e ideias seguidas por mulheres e homens que habitam o espaço.

Essa possibilidade do entendimento por “Cidade”, enquanto objeto de construções sociais e mutações em sua forma física, vai muito além das compreensões inicialmente concebidas pelo homem/mulher enquanto residente deste espaço, pois ela esconde resquícios que a reflexão e a visão humana não conseguem distinguir por um

8 BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 7.
9 Ibid., 37.

simples olhar em sua totalidade. Ela é muito mais do que os olhos podem ver.

Pensar a cidade é, antes de qualquer coisa, compreender, além das suas formas físicas, os atores que nela habitam construindo as relações, intervindo no espaço corporal por meio dos interesses que eles estabelecem entre si, sempre na busca de um ideal próprio, particular a sua concepção de pensamento sobre os outros indivíduos do mesmo espaço, onde essas finalidades constituem na busca por uma identidade habitante-lugar.

A cidade comporta uma multiplicidade de sujeitos, cada um carregando e trazendo consigo uma variedade de ideias e concepções ao longo de sua jornada de vida, homens e mulheres que constroem e reconstróem suas experiências e vivências ao longo dos tempos. Muitos destes, trazendo em sua trajetória relevantes e significativas participações e experimentações na qual elas viveram, seja de prestígio político ou até mesmo social.

Compreendermos a situação das mulheres no Brasil é necessária para quebrarmos paradigmas e abortarmos visões preconceituosas, machistas e maculadas. Pensarmos de forma mais crítica e tirarmos a mulher de uma situação em que são sancionadas ao silêncio da mera reprodução, recolhidas à mesmice de uma vida doméstica e mães do lar, cansadas de serem ofendidas e surradas, tentando conciliar várias funções, buscando um abolicionismo doméstico por maridos desrespeitosos.

No campo prossegue a história daquelas que, há muito, criam seus filhos “debaixo dos pés de café”, lutando contra a modernização da agricultura. A história de nossas mulheres é também aquela de loucas, de prostitutas, de homossexuais, de anarquistas, de rebeldes cujos papéis sociais continuam a contrariar o ideal feminino que lhes é cobrado pela sociedade em que vivem¹⁰.

Analisar o texto “As parteiras de Camocim” feito pela aluna Francisca Karla Pinto Lima do Curso de História PARFOR/UVA/CAMOCIM, me fez perceber algumas prerrogativas no que diz respeito às peculiaridades quando se é citada a figura da mulher como centro de uma discussão, principalmente referindo-se às parteiras, não só de Camocim, mas de um modo geral.

Retorno meu pensamento ao ano de 2011, mais especificamente ao mês de setembro, mês em que acontece a Primavera dos Museus, evento que envolve práticas educacionais para o público em geral dentro dos museus cadastrados no IBRAM¹¹. Assim, é válido ressaltar que naquela 5ª temporada o tema se dirigiu ao público feminino com o tema “Mulheres, museus e memórias”, que no geral era uma forma de pensar questões de gênero e como as mulheres estavam sendo vistas pela contemporaneidade.

10 PRIORI, Mary Del. *Histórias do Cotidiano*. – São Paulo: Contexto, 2001. p. 84.

11 O Instituto Brasileiro de Museus foi criado pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em janeiro de 2009, com a assinatura da Lei nº 11.906. A nova autarquia vinculada ao Ministério da Cultura (MinC) sucedeu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) nos direitos, deveres e obrigações relacionados aos museus federais. O órgão é responsável pela Política Nacional de Museus (PNM) e pela melhoria dos serviços do setor – aumento de visitação e arrecadação dos museus, fomento de políticas de aquisição e preservação de acervos e criação de ações integradas entre os museus brasileiros. Também é responsável pela administração direta de 30 museus.

O Museu Euclides Rufino em Cariré trabalhou essa temática durante toda uma semana, com mesas redondas, apresentações teatrais, palestras e etc. Vale ressaltar que das muitas atividades exibidas durante a programação, o seminário sobre o tema “Mulheres, Museus e Memória” apresentado pelos universitários do Curso de Licenciatura em História (CLHE 0512) do Instituto de Estudos e Pesquisas Vale do Acaraú-IVA, turma da qual eu fazia parte, foi um sucesso.

Logo de início, pensamos em fazer uma apresentação das mulheres que ora eram esquecidas pela história oficial e escrita do município, mulheres essas que estavam representadas por três figuras distintas, bem como os seus papéis dentro da sociedade carireense. Assim, elegemos as parteiras, lavadeiras e as rezadeiras como produto de estudo para a elaboração das ações. No tocante as apresentações, que foram externas ao ambiente museal, parte da população e convidados marcaram presença, no intuito de dar um apoio às propostas intervencionistas dos estudos realizados.

De um modo geral, discorremos sobre ação que elas desenvolveram e desenvolviam nos dias atuais e principalmente a importância que cada uma teve para que também, a formação da cidade se constituísse como espaço, seja pelas roupas lavadas de pessoas influentes, as rezas proferidas para os enfermos que acreditavam na cura por meio da religião, os partos feitos para inúmeras famílias e as suas memórias, já que se tratavam de senhoras idosas.

Neste sentido, Ecléa Bosi, nos fala da importância de se trabalhar a “memória dos velhos” para uma compreensão de termos atuais, também no campo da psique, e discorre afirmando que:

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou até mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita mais intensamente do que a uma pessoa de idade¹².

Portanto, ao se trabalhar com as parteiras, automaticamente as referências que elas tiveram foram outras, pois marcaram uma época por elas vividas de forma ativa, diferente da atual, com diferenciações nos mais diversos campos, seja no social ou nas tecnologias atuais, recursos que essas mulheres não detinham para alcançar seus objetivos. No mais, é admirável validar o trabalho realizado pelas parteiras em tempos de outrora, em que os recursos médicos eram escassos e os materiais utilizados por elas eram arcaicos e seus métodos antigos, pensando por pontos de vista presentes.

Jacques Le Goff (1990), exhibe um sentido interessante no que diz respeito à busca por uma memória, mesmo que coletiva, para uma compreensão mais aguçada de objetivos a serem estudados no campo da história. É importante perceber que a questão da

12 BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança dos velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. P. 60.

aquisição da memória como poder, é sempre para as camadas mais ricas da sociedade. Por outro lado, as pessoas comuns não necessitam utilizar da memória em benefício de crescimento e status social, mas para constituir um lugar que é apenas único e pessoal.

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominam e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva¹³.

Tratar de assuntos pertinentes às parteiras de Camocim, Cariré ou quaisquer outras cidades, requer que tenhamos compreensão que as práticas por elas utilizadas não se conseguiram na “academia”, e que esses conhecimentos foram repassados por seus antecessores, pais, avós, etc., meio da sabedoria popular.

Atualmente, a sabedoria popular pode ser enquadrada de forma diferenciada, o que nos dias atuais ela se aloca ao patrimônio cultural imaterial, não tangível, ou seja, aquele que é adquirido através da oralidade e expresso por meio dela. O conceito para tal denominação é bastante amplo, dotado de intenso viés antropológico, o que cerca expressões do universo das culturas tradicionais populares. Essa noção de patrimônio é causa de debates com relação a incorporação desse amplo processo de construções culturais e de seus agentes, suas concepções, problemas e necessidades básicas. Trata-se de um instrumento que coloca no centro das discussões, elaborações de políticas públicas que visem alicerçar à imagem que o país constrói para si desse ambiente cultural e para outros países.

Vale observar que a própria noção de patrimônio cultural imaterial é ela mesma, o produto da significativa revisão das ideias relativas a concepções de desenvolvimento, a programas educacionais e de democratização da cultura. Não se trata mais de garantir o acesso recursos, informações instrumentos culturais às diferentes camadas e grupos sociais com base em visões homogêneas e etnocêntricas de desenvolvimento, mas de favorecer não só processos de desenvolvimento que integram as diferentes camadas e grupos sociais, como também produtores de expressões culturais que importa a todos conhecer e valorizar. A noção de patrimônio cultural imaterial é um sensível instrumento nessa direção¹⁴.

Ou seja, não está aqui querendo fazer uma referência aos patrimônios que são edificados ou que tem características específicos a serem trabalhados por meios de programas educacionais e de apontamentos de trabalhos culturais, e sim dar validade e valorizar os mestres do saber fazer, aquelas pessoas que tem um conhecimento adquirido e que é peculiar a sua vivência e atributo de um determinado saber transpassado até elas.

13 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 426.

14 CASTRO, Maria Laura Viveiros de. FONSECA, Maria Cecília Londres. *Patrimônio imaterial no Brasil*. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. p. 13.

De outra maneira, também é possível aliar esses conhecimentos adquiridos por meio das memórias dos idosos aos conhecimentos adquiridos dentro dos ambientes educacionais. Educandos e educadores são capazes de construir laços que permitam que esses mestres, que oriundos também de conhecimentos adquiridos, sejam reconhecidos como autenticidade na construção dos ambientes físicos da cidade, por meio de problematizações e estudos a respeito dessas pessoas.

É papel do historiador, colocar no cenário historiográfico essas pessoas, e é papel dos professores das mais diversas camadas da educação construir mecanismos que aproximem os alunos desses conhecimentos. Imagine como seria novo, mágico e interessante para um aluno de ensino básico saber dos procedimentos que determinavam os partos de antigamente? Como eles se tornariam indagados a fazer comparações aos utensílios de antes com os atuais e mais avançados tecnologicamente?

Portanto, é visível o quanto a cidade desperta brilho em suas ruas, esquinas, pessoas, mulheres. É como se conseguíssemos ver os alvoroços a procura de uma parteira para realizar um parto, os rituais necessários para o início dos mesmos. É possível notar a mulher entrando com 'gosto de gás' na competitividade pelas relações profissionais nos tempos atuais. É notório os avanços alcançados por elas. É belo de ver essas mulheres, que de tão sensíveis, são tão fortes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança dos velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

PRIORI. Mary Del. **Histórias do Cotidiano**. – São Paulo: Contexto, 2001.

4. A LUTA PELA TERRA

Carla Alexandra Coêlbo Guimarães

Aluna do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

Os processos de luta pelo direito a terra no Brasil vêm sendo marcados pela atuação do Movimento dos Sem Terra – MST. A luta pela reforma agrária e justiça social são bandeiras desse movimento social desde 1984 e sua ação vem sendo observada em todas as regiões do país.

Em 1984, trabalhadores rurais do Paraná decidiram fundar um movimento camponês nacional, surge o embrião do MST. Nesse encontro são determinados três objetivos: luta pela terra, luta por reforma agrária e por mudanças sociais.

O marco histórico do MST aconteceu em janeiro de 1985 com a realização do I Congresso Nacional onde ficou determinado que seria necessário a construção de um movimento autônomo, sem intervenção de partidos políticos ou governo. Nesse momento nascem também os principais lemas: “Terra para quem nela trabalha”, “A ocupação é a única solução” e “Sem reforma agrária não há democracia”.

O regime militar, em novembro de 1964 como forma de frear os movimentos camponeses que lutavam pelo direito a terra, elabora o Estatuto da Terra. Essa ferramenta jurídica vem disciplinar o uso, a ocupação e as relações com a terra, como também a atuação do INCRA - Instituto Nacional de Colonização Agrária. Cinquenta anos depois esse ordenamento jurídico continua orientando as ações governamentais de reforma agrária e uso da terra.

A partir de 1985, o Plano Nacional de Reforma Agrária - PNRA, em tese deveria orientar a aplicação rápida do Estatuto da Terra e com isso assentar 1,4 milhão de famílias. O plano fracassou e o governo Sarney cumpriu apenas 6% da meta, graças a pressão das ocupações cerca de 90 mil famílias tiveram o direito a terra garantido.

Durante as décadas seguintes o MST amplia sua atuação. Através dos processos de territorialização e espacialização, determinados a partir das ocupações o movimento fortalece sua presença, ganham visibilidade e intensifica a luta pela terra.

No Ceará, a atuação do MST celebra 27 anos. Em 1989 com o apoio da CPT - Comissão Pastoral da Terra da Igreja Católica, o MST marca suas ações no estado com uma série de ocupações. O acesso a terra representa a possibilidade de trabalho, para a grande maioria dos trabalhadores rurais, condição de sobrevivência.

A ocupação de terras e dos prédios públicos, as marchas em direção às cidades, a presença dos militantes nos assentamentos, entre outras, marcam a ação do MST não só no Ceará mas em todo o Brasil.

Em 1985, o governo do estado apresenta o I Plano Regional de Reforma Agrária do Ceará (PRRA - CE), é um período de revitalização dos movimentos sindical e sociais do campo, marcado por importantes manifestações.

No sertão do Ceará, na cidade de Quixeramobim, em 1984, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (Quixeramobim, Quixadá e Canindé) com o apoio da Arquidiocese de Fortaleza, tendo à frente, D. Aloísio Lorscheider organizam uma mobilização para comemorar os 15 anos do Estatuto da Terra, porém o principal objetivo estava oculto: lutar por reforma agrária. Aproximadamente 10 mil pessoas participaram desse ato de luta e resistência.

Outra importante manifestação aconteceu em 1985. A Campanha Nacional pela Reforma Agrária, no Ceará é marcada por uma caminhada pelas principais ruas do centro de Fortaleza. Foi uma das maiores mobilizações ocorridas no estado e contou com a participação da ABRA, FETRAECE, CPT, CNBB, dentre outras entidades.

Em cada estado do Brasil em que o MST inicia sua atuação, a ocupação é um dos

marcos da luta. No Ceará, não foi diferente, o surgimento do movimento em 25 de maio de 1989, ocorreu com a primeira ocupação do estado.

A primeira ocupação ocorreu com 450 famílias em uma propriedade que tinha a área distribuída por três municípios: Madalena, Quixeramobim e Boa Viagem. Esta área chamada de Fazendas Reunidas São Joaquim S/A - Agricultura e Comércio se estendia por 22.992 ha.

De acordo com os professores Francisco Amaro Gomes de Alencar (UFC) e Aldiva Sales Diniz (UVA) em artigo que trata das ações do MST - Ceará, o acampamento é um espaço de luta e resistência. Por isso, a luta começa com as ocupações dos latifúndios e se expande para a cidade, lugar de negociação. Nesse processo os acampados desenvolvem várias formas de luta para expor a sua situação. Entre elas, a caminhada, a ocupação de prédios públicos, de instituições governamentais, de avenidas, bem como o fechamento de rodovias.

Nas décadas seguintes as mobilizações foram intensas e as conquistas que ocorriam após as ocupações valiosas. Essas vitórias principalmente as ocorridas nos anos 80 foram fundamentais na construção dos alicerces de constituição e consolidação do MST no Ceará.

Apesar das ações e ocupações do MST no Ceará se concentrarem na região do Sertão Central, sua presença é percebida em todo o estado. No litoral norte a luta pela conquista da terra pode ser ilustrada com o surgimento do assentamento Jatobá.

Localizado às margens da CE - 085, no distrito de Amarelas no Município de Camocim, as terras do Assentamento Jatobá até 1996 tinha outros donos. O lugar era conhecido como Jatobá dos Parentes, uma referência aos antigos proprietários. A partir de 1996 o governo federal desapropriou as terras e começou o cadastramento das famílias que iriam tomar posse. O projeto iria contemplar 60 famílias. Hoje no Assentamento Jatobá moram aproximadamente 80 pessoas.

De acordo com dados da Superintendência Regional do INCRA no Ceará atualmente existem 21.843 famílias assentadas em 455 projetos de assentamentos. Essas conquistas revelam como o espaço agrário cearense marcado pelo latifúndio e o agrogêncio vem sofrendo transformações que marcam a inserção dos camponeses como pequenos proprietários de terra no estado. Muito ainda tem que ser feito. Só a partir da luta, da reivindicação e da resistência e que os indivíduos passam a se constituir enquanto sujeitos sociais, políticos e históricos responsáveis pelas mudanças que aconteceram na sociedade.

5. CONCEPÇÕES SOBRE A VELHICE NOS PERSONAGENS DONA BELA E SEU SALU.

*Francisco Anderson de Melo Freitas
Aluno do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA*

Em ambos os textos são tratados histórias de senhores com mais de 80 anos, muitas experiências vividas, coisas para compartilhar e histórias que os tornam únicos.

Algo que diferenciam o Senhor Carlos Salu e Dona Bela além do gênero são as idades, seu Salu como muitos chamam traz a lucidez de quem já viveu 100 anos, e Dona Bela histórias de que já permeou por vários meios e se tornou personagem singular batizando até a localidade em que mora com seu nome: “O cafundó Dona Bela”.

A velhice sempre tem acompanhado a humanidade como uma etapa inevitável de decadência, declinação e antecessora da morte. A palavra velhice é carregada de significados como inquietude, fragilidade, angústia. O envelhecimento é um processo que está rodeado de muitas concepções falsas, temores, crenças e mitos. A imagem que se tem da velhice mediante diversas fontes históricas, varia de cultura em cultura, de tempo em tempo e de lugar em lugar. Esta imagem reafirma que não existe uma concepção única ou definitiva da velhice, mas concepções incertas, opostas e variadas através da história.

O Senhor Salu é um homem ainda lúcido que retrata as lembranças vividas e próximas a seu cotidiano como, por exemplo, as secas que foram inúmeras tendo que deixar a terra natal. Vivendo hoje em uma localidade simples conhecida como Tapuio dos Crespos, próximo a Camocim, hoje ele está em seu lugar de origem, e relembra Camocim e compartilha em suas conversas as lembranças da Maria Fumaça, esta que foi o único meio de transporte em longas distâncias na época, conta curiosidades da cidade quando esta ainda não tinha o cais do porto, e as ondas da praia chegavam até o mercado público.

Muita coisa mudou na cidade e também em sua localidade, mas as lembranças do passado são retratadas de forma simples e facilmente nos pegamos imaginando como era esse lugar, e as pessoas que nela viviam. Nessas escritas retratando Camocim me veio à cabeça à cidade de Eufêmia em um trecho de *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino: seus barcos descarregando mercadorias e pessoas de diferentes nações e as trocas comerciais, a paisagem urbana se construindo, as palavras de Roland Barthes: “A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a” (BARTHES, 2001. p.224).

Algo que faltou da parte da autora do texto foi contextualizar e mostrar melhor a cidade trabalhada, embora que o objetivo tenha sido alcançado, que foi dar ênfase à figura de Seu Salu. É perceptível também no segundo texto a mesma falha, mas ambos trazem fatos interessantes para a historiografia.

O segundo texto trata de Dona Bela, uma senhorinha simpática moradora de uma localidade próxima a Camocim, denominado Mororó, na comunidade Cafundó de Dona Bela. O lugar se confunde com a moradora, já que ela de tudo fez um pouco, foi rezadeira, parteira, dona de um time de futebol amador e praticante de candomblé. O que a tornou muito conhecida e requisitada, principalmente por dois de seus ofícios o de parteira e rezadeira eram muito requisitados e comuns nos sertões do nordeste, já que a saúde era precária e muitas vezes inexistente, mas a fé ajudava na cura ou no acalanto. Quem nunca foi em uma rezadeira para curar quebranto de uma criança? E em nossas famílias, os avós, tias ou nossos pais que nasceram nos braços de parteiras.

Dona Bela teve vinte e sete filhos mais hoje conta apenas com nove, e desenvolveu toda sua trajetória na comunidade que leva seu nome, ela retratou em sua fala que começou a ser parteira por necessidade e que aprendeu por conta própria, e conta suas aventuras com entusiasmo de uma jovem. Tinha fama também de macumbeira por ser praticante de candomblé, o que reforçou sua fama na região, hoje Dona Bela se tornou evangélica e diz ter sido por conta dos filhos ou será uma forma de remissão de seu passado? Muitas histórias e personagens como estes estão por aí e precisam ser mostrados, contar suas vivências às novas gerações, para podermos entender as nossas cidades, cidades ocultas e cidades contínuas. E seria interessante levar a escola a conhecer suas vivências.

BIBLIOGRAFIA:

BARROS, José D'Assunção. A imaginação da cidade na história e nas ciências sociais – da leitura institucional às abordagens complexas. Urbana. v.4, n.4. mar.2012. Dossiê: **Os eruditos e a cidade**. CIEC/Unicamp.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

6. A PESCA PREDATÓRIA NO LAGO DO BOQUEIRÃO

Benedito Daniel Victor de Mesquita

Aluno do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade as populações buscaram seu desenvolvimento social, econômico, político, e/ou apenas a sobrevivência. Dessa forma buscaram o progresso. Em relação a isso Jaques Le Goff¹⁵, salienta que não existe progresso geral, mas um progresso setorial, onde não se pode esquecer que para cada tipo de progresso existe a necessidade de uma complementação social, ou seja, tudo está interligado, inclusive a forma como as pessoas percebem o mundo e nele também se veem.

No entanto, buscaremos analisar a relação existente entre o progresso econômico e a preservação ambiental na localidade de Boqueirão em Camocim-CE. Na localidade de Boqueirão existe um lago de mesmo nome; ponto de lazer, divertimento e provedor do sustento de muitas famílias que praticam a pesca de subsistência.

Porém, a algum tempo a pesca predatória vem afetando a sustentabilidade do lago e causando a extinção de muitas espécies de peixes, além de comprometer o sustento dos moradores locais.

15 LE GOFF, Jaques. Progresso/ Reação. In: **História e Memória** 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 258.

A QUESTÃO DA ÁGUA

Não podemos falar de recursos naturais ou hídricos sem falarmos do bem natural mais precioso que temos, **a água**. (grifo próprio)

Uma breve volta ao passado mostra que a procura por soluções para o problema da seca no Nordeste é antiga. A partir do século XIX, ela passou a ser tratada como uma questão de governo e as ações implementadas para resolvê-la são basicamente as mesmas ao longo desse período.

Em meio a esse panorama, o Estado do Ceará é atualmente uma referência na administração **de água**. Sua política de recursos hídricos é gerida pela Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH)¹⁶, que coordena 123 açudes públicos estaduais e federais, além de canais e adutoras.

Em abril do ano 2004 o estado foi palco de um encontro internacional sobre Gerenciamento de Qualidade de Água para as Américas, organizado pela Agência Nacional de Águas (ANA) e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Dentre os órgãos que trabalham com recursos hídricos presentes em solo cearense, destacam-se também a Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME) e a Superintendência de Obras Hidráulicas (SOHIDRA), além dos comitês das bacias dos rios locais, todos ligados à Secretaria de Recursos Hídricos (SRH).

A falta de alternativas da população do semiárido, provocada principalmente pela seca, contrasta com a região litorânea do Nordeste, área mais desenvolvida e economicamente ativa. Uma razão importante do dinamismo dessa região está no turismo.

O sucesso do turismo nas capitais nordestinas se deu graças a uma união de investimentos corretos e programas bem-definidos. O Projeto de Integração é uma alternativa estruturante para dar ao semiárido condições de também desenvolver suas potencialidades econômicas: a agricultura, a indústria e, também, o turismo. Dessa maneira, é possível diminuir diferenças socioeconômicas entre o litoral e Semiárido Nordestino e reduzir as migrações da área rural.

Em relação a isso temos o litoral cearense que ao contrário do interior do estado é mais desenvolvido e possui mais recursos hídricos e investimentos no setor.

CAMOCIM, UM POUCO DE HISTÓRIA.

Camocim é um município do estado do Ceará que se localiza na microrregião do Litoral de Camocim e Acaraú, mesorregião do Noroeste Cearense¹⁷. O município tem mais de 62 mil habitantes e 1158 km². É a terra do aviador Pinto Martins e é conhecido nacionalmente como um dos mais belos municípios cearenses.

16 Relatório de impacto ambiental do projeto de integração do rio São Francisco com bacias hidrográficas do nordeste setentrional. Disponível em <http://www.mi.gov.br/documents/10157/3675235/RIMA+JU-LHO+2004.pdf/78989068-cf76-4ab5-bf01-3b45473db7f9>, Acesso em 14 de dezembro de 2016.

17 Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Camocim> - acesso em 14 de dezembro de 2016.

Um dos fatos mais marcantes da história da cidade e o que consolidou Camocim como centro urbano e econômico foi a construção da Estrada de Ferro de Sobral-Camocim a partir de 1879 e do porto.

O clima da cidade é tropical quente e sub-úmido com pluviometria média de 1.350 mm anuais, com chuvas concentradas de janeiro a maio. O vento é forte de julho até janeiro, normalmente entre os 25-35 km.

As principais fontes de água são: a Baía de Camocim, Lago Grande, do Boqueirão, da Moréia, Lagoa das Cangalhas, Inhanduba, e dos Tierres.

A grande maioria do território é coberto pela caatinga, mais ao interior, e por tabuleiros costeiros e cerrado, bem como por cajueiros e zona de coqueirais mais próximos ao litoral. Apresenta também regiões de caatinga arbustiva e mangue próximo à foz dos rios: Coreaú, São Mateus, do Meio, da Fortuna, Inhanduba, Pesqueiro, Palmeira e dos Remédios.

A cidade de Camocim é um exemplo de cidade litorânea cearense que vem crescendo e se destacando em vários setores, um dos mais fortes é o do turismo. Que é composto por pessoas que buscam lazer em atrativos naturais. A principal forma de turismo são as praias. As mais visitadas são a Praia do Maceió, Praia das Barreiras, Ilha do Amor e Vila de Tatajuba.

O LAGO DO BOQUEIRÃO: PESCA ARTESANAL X PESCA PREDATÓRIA

O desenvolvimento das populações em todo o mundo, assim como o próprio desenvolvimento humano, sempre esteve ligado aos rios, mares e oceanos e sua imensa oferta de alimentos¹⁸.

Todavia, foi a partir da década de 1950 que a pesca passou a se tornar um verdadeiro problema em escala global. Isso porque, a partir desta década, as empresas pesqueiras passaram a contar com tecnologias que possibilitavam a localização exata de cardumes em alto mar, facilitando a captura de quantidades muito grandes, no que também ficou conhecido como “pesca predatória”.

A pesca predatória pode ser entendida como sendo aquela que retira do meio ambiente muito mais do que ele consegue repor de maneira natural.

Em suma, a pesca predatória tem consequências realmente desastrosas, uma vez que muitas espécies estão correndo risco de extinção em função de sua atuação, e como o equilíbrio do ecossistema depende da existência de todas as suas espécies, quanto maior as atividades de pesca predatória, maior serão as consequências.

O problema da pesca predatória não afeta apenas em larga escala, mas também em média e pequena. O lago do Boqueirão, localizado na cidade de Camocim-CE, é um exemplo de como a ação desenfreada do homem sobre o meio ambiente pode causar efeitos desastrosos. Pois ao mesmo tempo, a própria atividade pesqueira predatória limita também a produtividade pesqueira, tanto do ponto de vista econômico como do

¹⁸ Disponível em <http://www.fragmaq.com.br/blog/pesca-predatoria-consequencias/> - Acesso em 14 de dezembro de 2016.

ponto de vista biológico.

A população local vem sofrendo com a ação de pessoas que estão acabando os recursos pesqueiros daquela localidade, porque a pesca artesanal está sendo substituída pela de bateeira, que captura dezenas de quilos de peixes ao mesmo tempo. Fato esse que destrói a cultura e a subsistência local. Os moradores mais antigos da região que sempre pescaram de forma controlada e artesanal estão sendo os mais prejudicados com a pesca predatória, afirma Rosângela Oliveira Ribeiro ao entrevistar o Sr. Antônio Francisco Ribeiro, morador local do lago do Boqueirão.

De acordo com estudos científicos, nos próximos 40 ou 50 anos, a grande maioria das espécies que estão hoje ameaçadas poderão estar completamente extintas, e isso gerará consequências econômicas e ambientais muito difíceis de prever.

Cabe as autoridades a adoção de leis realmente eficientes, que protejam os rios, lagos, mares e oceanos, e que, de fato, promova a fiscalização das atividades de pesca, assim como a punição de arbitrariedades realizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao praticar suas ações cotidianas o ser humano tanto pode colaborar para a preservação, quanto para a destruição do meio ambiente.

Todavia, a busca desenfreada por riquezas, desenvolvimento e progresso têm deixado de lado a preocupação com a vida animal e vegetal, além dos recursos hídricos, fatores naturais tão essenciais à vida.

O controle da exploração dos recursos naturais assim como a efetiva fiscalização e punição para os infratores são medidas que podem ser eficazes na busca pela preservação ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CECIM, Bruna; FALCÃO, Bruno Costa; ARAÚJO, Luzineide Cardoso de et al. In: *Po-lítica Ambiental* – Um Enfoque em Empresas de Palmas. Orientador: Msc. Flavio Augustus da Mota Pacheco.

LE GOFF, Jaques. Progresso/ Reação. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

Endereços eletrônicos:

Disponível em <http://camocimpotedehistorias.blogspot.com.br/> - Acesso em 14 de Dezembro de 2016.

Relatório de impacto ambiental do projeto de integração do rio São Francisco com bacias hidrográficas do nordeste setentrional. Disponível em <http://www.mi.gov.br/documents/10157/3675235/RIMA+JULHO+2004.pdf/78989068-cf76-4ab5-bf-01-3b45473db7f9>, Acesso em 14 de dezembro de 2016.

Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Camocim> - acesso em 14 de Dezembro de 2016.

Disponível em <http://www.fragmaq.com.br/blog/pesca-predatoria-consequencias/> - Acesso em 14 de Dezembro de 2016.

7. SOBRE CIDADE E MONUMENTO

Er  e Vasconcelos Barros

Aluna do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a. (Roland Barthes, 2002).

A cidade, mas qual seria essa cidade? De que são feitas as cidades? A primeira coisa que me vem à mente ao tentar entender a essência de cada cidade são as famosas cidades invisíveis  de Ítalo Calvino, onde o autor nos mostra que “a cidade tem várias representações. Diferentes cidades são sentidas e vivenciadas (CALVINO: 1930: 19)”. Em seu texto, por exemplo, a autora Glaucimar Gomes nos apresenta uma cidade, a cidade litorânea de Camocim que se encontrava em um momento de mobilização para receber a Tocha Olímpica. Segundo ela a multidão veio vê-la passar, com aplausos e aglomeramentos, onde a população procurou ao máximo registrar aquele acontecimento com fotos e *selfies*, como numa maneira de eternizar aquele dia.

O texto de Glaucimar Gomes tem como foco a passagem da Tocha Olímpica em sua cidade Camocim  de fácil compreensão, de escrita leve, contudo, falta conflitos, questionamentos. Sua escrita transcorre de maneira passiva, contudo para nós historiadores, essa passividade não é muito bem acolhida, pois entendemos a cidade como espaço ambíguo, de muitos sujeitos e personagens, um lugar de disputa de poderes, conflitos, sobretudo, de estratégias para se viver bem. O único trecho da sua escrita onde aparece um leve registro desses problemas é o que a autora denomina de “polêmicas” que foram abordadas de maneira sucintas sobre a passagem da tocha, mas ela não chegou a aprofundar que polêmicas seriam essas. Percebemos pela escrita da autora que seu texto foi escrito para quem já conhece a cidade que ela se propõe a escrever, pois em nenhum momento ela nos apresenta sua cidade, nem o seu cotidiano, apenas descreve um episódio que aconteceu.

Ao longo do texto a autora não explica por qual motivo optou por escrever sobre a passagem da tocha para falar de sua cidade. Suponhamos pelas entrelinhas que deve ter sido pela novidade, algo que a cidade nunca tinha vivenciado, o “novo” certamente despertou o encantamento, a curiosidade pelo fato de nosso país ter sido escolhido o primeiro país da América Latina a sediar um evento de porte internacional, noticiado

diariamente pelos meios de comunicação para atrair a nossa atenção e despertar o apoio e interesse pelo evento.

A principal lacuna do texto, porém, está na falta de um referencial teórico. A autora poderia ter problematizado e discutido melhor sobre a questão dos Jogos Olímpicos, mas, no entanto limitou-se apenas a descrever a passagem da Tocha Olímpica em sua cidade, não citando e nem questionando inclusive quais pessoas da sua cidade foram escolhidas para carregá-la e por qual motivo, afinal o historiador é movido de problematizações e questionamentos. Como por exemplo, a escolha do percurso da rota da tocha no Ceará e a escolha das cidades, aí vale destacar porque Camocim foi escolhida? Mas infelizmente isso vem não sendo abordado no texto.

No corpo do texto a autora nos apresenta a foto do monumento comemorativo da passagem da Tocha Olímpica que poderia ter sido melhor explorado, pois a autora apresenta a foto mas não discute quem fez o monumento, e qual local da cidade foi escolhido para ser construído esse monumento estratégico. Há ainda outro quesito que a autora não contempla em seu texto, que são por quais lugares da cidade a tocha passou, pois com certeza houve toda uma escolha sobre qual a cidade de Camocim a ser mostrada, afinal toda escolha é um ato político, subjetivo. Não sabemos ainda como a população reagiu à construção do monumento, algo que também poderia ter sido destacado no texto.

A autora poderia ter trabalhado ainda esse monumento atrelado ao conceito de um possível “lugar de memória” de Pierre Nora, que defende que o indivíduo contemporâneo tem uma necessidade de identificação num misto entre história e memória, assim:

[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais (NORA: 1993:12).

Desse modo interpretamos a construção desse monumento na cidade de Camocim, como uma estratégia pensada como um marco no espaço da cidade para a manutenção de uma lembrança, uma memória de que aquela cidade foi escolhida para a passagem da tocha.

Sugerimos ainda o livro *História dos Jogos Olímpicos* de Airton de Farias, como suporte e referencial teórico para uma melhor abordagem dos jogos olímpicos, e para explicar toda a euforia que a cidade sentia naquele momento, pois o livro retrata ainda o papel do esporte dentro de um contexto político e social desde a Grécia aos dias atuais, além do que esse assunto não foi bem contextualizado na escrita do seu texto.

A autora poderia ter começado seu texto abordando o porquê da escolha do Rio de Janeiro como cidade sede, os problemas que foram surgindo ao longo da proximidade do evento, como por exemplo, o golpe de estado que resultou no *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff que causou grande alvoroço não só no país como em todo o cenário internacional, além da crise econômica, desemprego e inflação, o surto de

zika vírus, “os olhos do mundo” estavam focados na instabilidade do país da cidade sede olímpica, ou seja, caberiam também discussões sobre como estava o cenário político do país e em sua cidade as vésperas das Olimpíadas, ter destacado se isso refletiu em alguma mudança no evento ou não, e por fim ter feito uma abordagem historiográfica sobre o início de jogos olímpicos na Grécia e os jogos olímpicos dos dias atuais ao ter abordado como a cidade vivenciou esse momento.

Segundo Airton de Farias “A escolha do Rio como sede olímpica de 2016, como a realização da copa de 2014 no Brasil, foram vitórias do lulismo (FARIAS: 2016: 229)”. Assim destaca o governo Lula como o grande idealizador desses projetos em que havia todo um interesse em mostrar em projeção internacional o Brasil, e, sobretudo, país do que isso apresentá-lo ao mundo como uma nação em desenvolvimento forte, quente e capaz de projetar grandes eventos esportivos.

Assim, faz-se quase como uma necessidade de exercício diário para nós historiadores que cada um de nós pudéssemos perceber e, sobretudo, sentir quais as cidades reais e imaginadas, ideais ou não, que vão sendo construídas no dia a dia de cada habitante das nossas cidades, qual a cidade que habita em cada um de nós? E afinal o que quero dizer com isso, que mesmo que a autora Glaucimar Gomes tenha tentado nos apresentar um pouco da sua cidade de Camocim, nunca conseguiríamos descrevê-la tal qual como ela é, alguém sempre terá algo a mais a nos acrescentar, haverá sempre um olhar diferente sobre como interpretamos e vivenciamos nossas cidades.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras. 1990.
- FARIAS, Airton de. *História dos Jogos Olímpicos*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2016.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N°10. 1993.

8. A FORMAÇÃO ROCHOSA DA LAGOA DAS PEDRAS. CAMOCIM

Francisco Edmilson Matias da Silva
Aluno do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

O Brasil apresenta um relevo de era geológica muito antiga, datada da era pré-cambriana e este é formado por maciços antigos (escudo cristalino) e bacias sedimentares e os dobramentos modernos que são as montanhas não existem no Brasil. Os terrenos antigos que são chamados de escudos cristalinos que são constituídos por rochas magmáticas ou ígneas de origem das erupções vulcânicas apresentam no território nordestino com mais frequências.

Camocim é o maior litoral do Ceará, com cerca de 62 km de praias paradisíacas sendo um atrativo para as pessoas das diversas regiões brasileiras. É visitado em várias ocasiões desde períodos de férias e/ou finais de semanas pois esse lugar proporciona momentos de repouso e lazer, porém Camocim não se resume em praias, sol e mar.

Em Amarelas, distrito de Camocim existe a localidade de Lagoa das Pedras, um lugar pouco povoado e conseqüentemente pouco conhecido, mas que apresenta formações rochosas antigas que vulgarmente são chamados de escudos cristalinos que são rochas ou formações naturais da qual o tempo se encarregou de ser modelador através de diversos fatores externos como, por exemplo, o intemperismo¹⁹ e fatores internos como o tectonismo²⁰ resultando nas formações de tanques rochosos, formando uma espécie de piscina natural e em seu interior pode ter água quente ou fria.

Raimundo Nonato em palestra sobre o semiárido, no auditório Milton Santos afirma que a temperatura da água depende da profundidade da fenda, ou seja, “quando a fenda é mais próxima do núcleo da terra a água que está concentrada no tanque é quente e se for próximo a superfície é fria”, tornando-se, assim, um lugar a ser apreciado por turistas e também moradores que vivem em seu entorno.

O tanque serve não só para os banhos dos visitantes como também para o abastecimento de água dos moradores e lavagens de roupas, atividade muito frequente nesses reservatórios.

A escola é um espaço de discussão científica e os professores são as ferramentas que fazem isso acontecer, então cabe ao professor-orientador que ministrará a aula sobre as Formações Rochosas em Camocim, discutir o assunto usando de sua criatividade para que o assunto se torne atraente. A aula inicial deverá ser uma introdução ao assunto e o professor deverá localizar (de preferência fazendo uso de mapas) a cidade, delimitando bem seus limites de sua extensão territorial.

Ainda durante a primeira aula o professor deverá conversar com os alunos e pedir para que os mesmos, na próxima aula, tragam amostras de rochas, conhecidas como

19 Conjunto de fenômenos químicos, físicos e biológicos que provocam a alteração das rochas e seus minerais. Saber mais <http://www.dicionarioinformal.com.br/intemperismo/>.

20 Relaciona-se aos movimentos das diferentes “partes” que montam o quebra-cabeça da crosta terrestre: as placas tectônicas. Saber mais <http://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-tectonismo.htm>

pedras, que encontrarem em seu caminho e que desperte sua curiosidade para se discutir em sala de aula.

Ao iniciar a aula, o professor-orientador convidará os alunos a formarem um ciclo e conversar sobre os objetivos da aula e sobre o objetivo da coleta de rochas, a ideia é conversar sobre cada uma das pedras para juntos verificarmos como há uma diversidade grande de rochas no Ceará para que depois possamos usar as formações de Camocim como exemplo.

E por fim os alunos serão conduzidos para uma aula de campo para as Pedras com intuito de tirar as dúvidas que surgirem e explorando o máximo possível a visita ao tanque.

9. A EXEMPLO DE CAMOCIM:DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COMO OPÇÃO.

Erivânia Ávila Cruz

Aluna do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

A partir de 1960 podemos perceber no Brasil um grande avanço na urbanização. Esse avanço levanta alguns questionamentos que até então, não tinham muito significado nas discussões sócio-políticas, um desses será as questões ambientais que apresentarão para as futuras gerações um futuro incerto se as ações humanas continuassem no ritmo percebido até então.

A partir de então, o termo “desenvolvimento sustentável” surgiu a partir de estudos da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre as mudanças climáticas e passou a ter uma importância fundamental. Segundo Gisele Silva Barbosa²¹ o conceito tem como principal objetivo refletir sobre como “atender as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades”²².

O ser humano nunca pode interferir tanto na natureza como as possibilidades trazidas pelo mundo contemporâneo, sendo assim é necessário que se reflita sobre nossas ações e como estas ações interferem no meio em que vivemos para garantir uma vida plena para as futuras gerações.

Como a escola deve ser o berço das discussões que estimulam o desenvolvimento cognitivo e cidadão dos educandos, se faz necessário, que esta venha trabalhar a temática, levantando as problemáticas ambientais e suas causas, mas, principalmente discutindo como realizar ações que modifiquem os comportamentos ameaçadores e em escala maior a própria política organizacional.

21 Mestre pelo PROURB/FAU/Universidade Federal do Rio de Janeiro). Endereço eletrônico:gislearquitectura@yahoo.com.br .

22 BARBOSA, Gisele Silva. O DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. *Revista Visões* 4ª Edição, N°4, Volume 1 - Jan/Jun 2008. Disponível em http://www.fsma.edu.br/visoes/ed04/4ed_O_Desafio_Do_Developmento_Sustentavel_Gisele.pdf, acessado em 27 de novembro de 2016, às 16:00hs.

Para fundamentarmos ainda mais nossa discussão traremos como exemplo a cidade de Camocim, mas especificamente uma comunidade local denominada de Aborrecido onde acontece a produção de hortaliças, tanto para consumo familiar, como para vendas locais e também elencaremos a produção de leite como uma atividade que busca dinamizar o comércio local, mas também proporcionar ao consumidor um leite puro e saudável, estudos realizados por, respectivamente, Joana Darc dos Santos e Juliana Alves dos Santos, ambas alunas do curso de História PAFOR/UVA/ CAMOCIM.

Somos conhecedores de que “a crescente utilização de agrotóxicos na agricultura brasileira, tem levado a uma conseqüente presença de resíduos em altas doses nos alimentos que chegam à mesa dos consumidores”²³, o que tem provocado sérios danos a saúde de nossas famílias. Precisamos discutir o assunto e tomar medidas para, se não acabar, pelo menos reduzir os danos a saúde, pois

Uma questão preocupante nos dias atuais diz respeito à intoxicação dos alimentos que chegam ao consumidor final, acometendo grupos vulneráveis tais como crianças e idosos. Tal situação gera um desafio no sistema de saúde, uma vez que a falta de condições para detectar indícios de intoxicação por agrotóxicos nos alimentos produz diagnósticos falso-negativos, além de impedir o diagnóstico precoce e posterior início do tratamento²⁴.

A ingestão de agrotóxicos pode prejudicar a saúde e muitas vezes alguns tipos de doenças que acometem em longo prazo acabam sendo consequência do uso prolongado de produtos contaminados.

A ideia é conversar com os alunos da terceira série do Ensino Médio, levantar essas questões e elaborar soluções, partindo do pressuposto de que o desenvolvimento sustentável tem como requisito a satisfação das sociedades humanas e a manutenção da integração ecológica. Por isso precisamos considerar o crescimento urbano das cidades e a conservação dos recursos naturais e das atividades produtivas, pois, sabemos que se uma cidade cresce haverá mais necessidades de bens de consumo, entre eles a alimentação.

Se uma comunidade, Aborrecido, tira seu sustento da produção e comercialização de hortaliças, ela não está contribuindo somente com a renda familiar de envolvidos, mas também com o desenvolvimento e visibilidade do espaço de convivência e também da saúde pública.

Segundo a autora Joana Darc dos Santos a plantação teve início em 1990 e era uma prática de algumas mulheres que colhiam somente para uso pessoal, por necessidades começaram a vender para vizinhos, a venda aumentou e a plantação começou a ser comercializada e ganhou tanta visibilidade que a Prefeitura de Camocim mandou perfurar

23 OLIVEIRA, Leonardo de Campos Corrêa. RESÍDUOS DE AGROTÓXICOS NOS ALIMENTOS, UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA. Uberaba/MG, 2014. Disponível em www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/6331.pdf. Acessado em 04 de dezembro de 2016, às 14:00 hs.

24 BARBOSA, Gisele Silva. O DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. *Revista Visões*. 4ª Edição, N°4, Volume 1 - Jan/Jun 2008.

um poço profundo que foi doado para os trabalhadores com o cultivo de hortaliças. Mais tarde essas mulheres ganharam um terreno com 40 metros de extensão que acabou por organizar o cultivo.

Posteriormente, surgiu um projeto que foi associado ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Camocim o que facilitou a aquisição de empréstimos, principalmente no Banco do Nordeste, onde tem facilidades para agricultores. Hoje se cultiva cebola, alface, coentro, pimenta, berinjela que chegou a aumentar a renda das famílias envolvidas em 400 a 500 reais.

Por outro lado, temos a produção de leite, que segundo a autora Juliana Alves dos Santos era muito presente em 1980, chegando até a ter um lugar próprio de comercialização dentro da cidade, o Mercado do Leite na Rua da Alegria; este lugar recebia leite de várias localidades e contribuía para o aumento da renda das pessoas envolvidas. No entanto em 1990, com a comercialização de leite da Indústria Lassa de Sobral, esse comércio local começou a cair chegando a quase parar a produção de leite camocinense.

Duas fontes de trabalho de muita relevância para o assunto abordado, pois trabalharemos com a real possibilidade de cada um produzir o mínimo de seu consumo e ainda ter a possibilidade de criar seu próprio negócio e por outro lado discutiremos o porquê da falência de produção do leite em Camocim se era tão puro e saudável.

É tão claramente perceptível que preferimos produtos industrializados aos naturais? Dentro dessa reflexão pretendemos ainda conversar sobre o papel da ANVISA.

O Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA) da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) originou-se no Projeto de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos, iniciado em 2001 com o objetivo de estruturar um serviço para avaliar a qualidade dos alimentos e implantação de ações de controle de resíduos²⁵

Existem políticas públicas voltadas para a questão, mas não devemos jogar toda a responsabilidade de fiscalização sobre os órgãos públicos, devemos ser co-responsáveis para a mudança de valores socioeconômicos e também devemos entender que pessoas diferentes reagem de formas diferentes a produtos iguais, então, cada um deve refletir e realizar ações preventivas em prol de sua saúde e pela melhoria da qualidade de vida.

25 OLIVEIRA, Leonardo de Campos Corrêa. RESÍDUOS DE AGROTÓXICOS NOS ALIMENTOS, UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA. Uberaba/MG, 2014. Disponível em www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/6331.pdf. Acessado em 04 de dezembro de 2016, às 14:00 hs.

10. O MINIMUSEU DA ROSINHA DOS BOLOS

Oneide Sousa do Carmo

Aluna do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

De acordo com o *International Council of Museums* (Conselho Internacional de Museus – ICOM), o museu é “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”. Logo é perceptível a importância do museu no que tange a possibilidade de garantir a sociedade a guarda de artefatos que identifiquem sua cultura e sua história fazendo ligação entre o passado e o presente. É então esta instituição responsável por preservar a memória de um povo, de uma cidade, de um sujeito e de uma comunidade como um todo. O museu tem a capacidade de estimular questionamentos sobre a história, bem como trazer à tona a identidade do passado. Nesse sentido o museu pode ser considerado um lugar privilegiado que proporciona reflexões do tangível, da memória e do imaginário.

De acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, “Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento²⁶.”

Existem, portanto, diversos tipos de museu, dedicados às mais diferentes temáticas. Um exemplo são os museus de arte, de ciências, museus dedicados à fotografia, ao cinema, etc. Cada um possuem acervos específico e atende a uma demanda social. Porém, todos com um objetivo em comum, conservar a memória e a identidade como um patrimônio cultural. Diante dessa definição trago para discussão o “Minimuseu da Rosinha dos Bolos”. Localizado na cidade de Camocim-CE, cerca 360 km de Fortaleza, o minimuseu se encontra na parte posterior da residência da Sra. Rosinha. Em seu interior se encontram diversos artefatos dentre os quais alguns pertenceram ao *Cine João Veras*, antiga casa de espetáculo fundada na década de 1920, bem como objetos que trazem a memória sujeitos que fazem parte da história da cidade de Camocim, entre estes, Monsenhor Inácio Nogueira Magalhaes, importante autoridade eclesiástica que exerceu a função de vigário na década de 1930, e por quase meio século prestou serviço religioso a cidade. É possível também encontrar objetos que trazem a memória do período escravocrata em Camocim. Cada objeto conta uma história, cada história é

26 CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte A função social dos museus. Disponível em: <http://zip.net/btsDnk>, acesso em 16 dez. 2016.

regada de diferentes sentimentos: saudade, medo, revolta, nostalgia enfim, objetos que fazem parte da identidade cultural e social de Camocim.

O ambiente do minimuseu é simples, no entanto, tem o poder de transportar o visitante para longas décadas do passado. Se a princípio o minimuseu era apenas um divertimento de Dona Rosinha, hoje aquele pequeno espaço se tornou uma fonte histórica da cidade de Camocim.

Os homens, em nosso entender, fizeram e fazem a cidade, produto material e imaterial das relações sociais e econômicas complexas, mesmo que não saibam o que fizeram ou estão fazendo. São atores, agentes da ação social, mas nem sempre em condições de compreender a totalidade e complexidade do fenômeno em que estão inseridos e atuando²⁷.

Até que as autoridades competentes da cidade, não se conscientizaram da importância da criação de um museu, para a conservação de sua memória, o Minimuseu da Rosinha dos Bolos continua sendo o destino cultural dos camocinenses. Fica a dica. “A memória não se resume em um conjunto de lembranças sobre determinado fato ou espaço, mas constitui-se mesmo num processo de luta em torno do que deve ou será guardado”. (ARRUDA: 2000, p.41)

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões**: entre história e a memória. Bauru: Edusc, 2000.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **A função social dos museus**. Disponível em: zip.net/btsDnk

GLEZER, Raquel. **Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo**. São Paulo: Alameda, 2007

11. REZAS: PRÁTICAS DE BENZEÇÃO E CURA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Gláucia Maria Rodrigues do Nascimento

Aluna do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

RESUMO: As práticas de benzeções não ficaram esquecidas no passado e não se restringem apenas ao meio rural. O poder da reza atrai quem procura a cura para a suas mazelas. Atualmente aceita como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), as práticas de rezas e benzeção conquistaram espaço no meio urbano. As práticas são alternativas de cura e preservação da cultura e religiosidade popular.

27 GLEZER, Raquel. **Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo**. São Paulo: Alameda, 2007, p.28

PALAVRAS-CHAVE: Crenças. Práticas. Benzeção. Religiosidade popular.

INTRODUÇÃO

A partir da leitura do texto da Gerlane Viana de Souza, aluna do curso de História PARFOR/UVA/CAMOCIM, iniciamos uma análise e reflexão sobre as práticas das rezadeiras(os) ou benzedeiros (os) e curandeiros (as) sob o contexto cultural de práticas cotidiana.

A conquista de espaço nesse âmbito deu-se através das práticas que foram ganhando notoriedade no meio social. Os ofícios de curar são realizados por pessoas comuns, geralmente por pessoas do meio rural e de baixo poder aquisitivo. As rezas e benzeduras inicialmente abrangiam apenas ao meio rural, devido a situação de precariedade da assistência da medicina acadêmica, tendo em vista, a ausência desses profissionais ao meio rural. Aos habitantes dessas comunidades, cabia apenas curar-se através da crença nas práticas da reza e também por meio da medicina popular. Contextualizando a discussão, BRAGA (2008) diz que: “No entanto, as curas populares não estão limitadas às regiões isoladas, sendo também bastante praticadas no meio urbano”²⁸.

Essas práticas ainda permanecem nos dias atuais, e foram preservadas ao longo dos anos e, na maioria das vezes, passadas de geração a geração, através dos laços familiares. E, ainda de acordo com Vaz (2006, *apud*, MOURA, 2011. p. 354): “Uma benzedeira pode aprender de maneira espontânea, receber o dom por meio do ensinamento de outra benzedeira, por necessidade perante uma grave situação e, também, a partir de uma revelação”²⁹.

As práticas da reza e como foram repassadas conservam mesmo com os avanços da medicina, sendo uma grande eficiência e aceitação pela população, onde outro método de cura não soluciona o problema, adotando assim a reza como único meio de recuperação para tal mal, sendo assim insubstituível.

Reza um instrumento de cura

Os rezadores (as) e benzedeiros (os) ou curandeiros desempenham um papel importante na sociedade, realizando tais funções, que são essenciais, em alguns casos, sendo vistas como a única opção de cura.

As compensações dos rezadores surgem como imediato, impulsionados pela religiosidade do indivíduo. A reza mediada pela crença e fé de cada um atrela-se à cultura religiosa, tornando assim, o passo essencial para o alcance do objetivo: a cura. Deste modo, os costumes de procurar a reza como remédio em vigência da crença, os reza-

28 BRAGA, Francisco Demétrio Parente. **Para tudo existe Reza**: Orações e Curas Populares na Cidade de Cariré (2007 – 2008). Sobral: UVA, 2008, (Monografia).

29 MOURA, Elen Cristina Dias de. **Eu te benzo, eu te livro, eu te curo**: nas teias do ritual de benzeção. MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11(29), 2011 – JAN / JULHO. Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

dores (as) ganham notoriedade nas comunidades que vivenciam o catolicismo popular.

Ao contextualizar com Gerlane Viana de Souza, sobre os rezadores de Camocim, a acadêmica cita o Sr. Evangelista, um dos que fazem a prática de reza na cidade. Em todo caso, estas formas de sabedoria têm resistência para se estabelecerem nas comunidades rurais e na cidade.

As práticas de rezas e benção mais procuradas são para a cura dos famosos *Quebrante* e *Vento Caído*. O *Quebrante* é um tipo de mal olhado, causado por um olhar carinhoso ou de inveja, que atinge, principalmente, as crianças pequenas, desde os primeiros meses de vida. Porém, em relatos afirmados por mães, dizem que não existe idade definida para a criança pegar o quebrante, ocasionando diarreias, falta de apetite, por vezes ficando muito sonolento. Já o *Vento Caído* se apresenta quando a criança vem a se assustar com algo irrelevante, ocasionando diarreias e choro constante. Realizando pedidos de rezas, os rezadores/benedicentes e curandeiros foram ganhando espaço e notoriedade, chegando ao grau de veracidade a partir de curas realizadas através das rezas nos arredores do campo e da cidade.

De acordo com SANTOS: “As práticas de se caracterizar como um “ofício”, categoria difundida nas políticas culturais do Estado, porque em torno dela há um processo de aprendizagem e manutenção do saber”³⁰. Fazendo uma relação quanto aos conhecimentos adquiridos pelos rezadores(as) faz-se necessário, refletir mais sobre a preservação desses saberes e dons divinos difundidos efetivamente no Estado.

Sabendo que adquiriam essas práticas através de conhecimento obtido de geração em geração ou pelo dom divino, faz-se necessário que estabeleçamos um diálogo preciso a respeito dessas práticas. Nesse contexto GINZBURG ressalta que:

Em todo caso, essas formas de saber eram mais ricas do que qualquer codificação escrita; não eram aprendidas nos livros, mas a viva voz, pelos gestos, pelos olhares, fundava-se sobre sutilezas certamente não formidáveis, frequentemente nem sequer traduzidas em nível verbal; constituíam o patrimônio, em parte unitário, em parte diversificado de homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociais. Um sutil parentesco os unia: todas nasciam da experiência, da concretude da experiência³¹.

É necessário pensar nas práticas de rezas e formas de saber. E isso nos remete que eram visivelmente a partir das vivências e experiências diárias através da prática do dom divino de rezar. Em vista disso, é importante pensar que as práticas de cura não dizem parte somente do cotidiano dos rezadores, mas, também de quem as procura.

30 SANTOS, Francimário Vitor dos Santos. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural**: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região de Seridó Potiguar. Disponível em www.revista.usp.br. Acesso em 13/12/2016.

31 GINZBURG, (1989) apud Francisco Demétrio Braga Parente (2008). **Mitos, Emblemas, Sinais**: Morfologia e história- tradução: Frederico Canotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 116-167.

Religiosidade popular

Outro aspecto importante a se destacar é que o ofício das rezadeiras(os), benzedoras, curandeiros se declaram católicas e fazem questão de reforçarem sua inclusão na Igreja, pois elas se concebem cumprindo uma missão, uma vez que entendem terem recebido de Deus o dom de curar. Também é necessário frisar que para Boing e Stancik (2013):

O ato de benzer é uma prática que evidencia aspectos que remetem à religiosidade popular, conforme já observado, mas, as formas e práticas de benzeimento desenvolvidas por cada uma das benzedoras (os) remetem aos seus modos particulares de não apenas benzer, mas também de exercer sua religiosidade³².

É importante preservar a memória de homens e mulheres que contribuem e ajudam para a formação religiosa da comunidade, através de suas práticas, revigorando a fé, contribuindo consequentemente para a vida religiosa da comunidade curando as mazelas do corpo e da alma através das suas práticas de cura. Levando em consideração a esses aspectos OLIVEIRA (1985):

Não basta apenas que a própria benzedora reconheça a existência de um dom na sua vida. É necessário também que a própria comunidade onde ela mora, onde atuam, seus vizinhos, sua família, as pessoas que lhe são chegadas partilhem com ela desse momento tão singular. É necessário que essas pessoas queiram que tal dom exista, que a elejam como uma pessoa especial, capacitada, dotada de poderes sobrenaturais³³.

Compreendemos ser necessário uma maior aceitação por parte da comunidade geral, sendo essencial que exista mais interesse voltado para essas práticas de cura através das rezas. Que esses conhecimentos sejam divulgados, incentivando as gerações mais jovens, promovendo políticas de incentivos à cultura popular, abrangendo uma área de maior dimensão relacionado à cultura religiosa dessas comunidades, ganhando dimensão e notoriedade ao meio social.

Considerações finais

Preservar as práticas de rezas na cultura religiosa através do ofício da benção e cura para as gerações futuras torna-se uma das metas de preservação. As rezas são Patrimônio Cultural Imaterial firmados através de vivências desses rezadores (as) ou benzedoras (os) que ampliaram seus saberes através de práticas do cotidiano.

32 BOING, Lúcio, STANCIK, Marco Antonio. **BENZEDEIRAS E BENZIMENTOS: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES NO MUNICÍPIO DE IVAIPORÃ/PR (1990-2011)**. Disponível em www.revistas2.uepg.br Acesso em 13/12/2016.

33 OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 39.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Francisco Demétrio Parente. **Para tudo existe Reza:** Orações e Curas Populares na Cidade de Cariré (2007 – 2008). Trabalho de conclusão de curso (monografia) Licenciatura em História. Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, 2008.

BOING, Lúcio, STANCIK, Marco Antonio. **Benzeduras e Benzimen** práticas e representações no município de Ivaiporã/PR (1990-2011). Ateliê de História UEPG, 1(1): 85-96, 2013. Disponível em www.revistas2.uepg.br. Acesso em 13/12/2016.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais:** Morfologia e história. Tradução: Frederico Canotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 116-167.

MOURA, Elen Cristina Dias de. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. MNEME – **REVISTA DE HUMANIDADES**, 11(29), 2011 – JAN / JULHO. Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394. Disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>. Acesso em 05 de maio de 2018.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção.** São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 39.

SANTOS, Francimário Vitor dos Santos. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural:** religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região de Seridó Potiguar. Disponível em www.revista.usp.br. Acesso em 13/12/2016.

12. VIVER E HABITAR: REFLEXÕES SOBRE A POÉTICA DAS CIDADES E SUAS MEMÓRIAS.

Germana Maria Lopes Florêncio

Aluna do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

Em qual cidade habito? Ou melhor, que cidade habita em mim? Onde pertenço? O que faz de mim morador de um lugar? Perguntas essas, vão e vem inquietando-nos de modo a projetar indagações latentes sobre o nosso existir, morar e habitar. Galgando desta forma relações imbricadas com as vivências humanas, numa perspectiva onde a dinâmica das experiências cotidianas, repousa junto as memórias do vivido.

E o que é o vivido, o feito, o lembrado, senão expressões do homem, imprimidas no tempo, tendo como tela espaços localizados, casas identificadas. Aconchegos próprio e individual. Portanto, quando nos referimos a ‘habitar’ e suas derivações, invocamos, o sentido de residir, embora algumas vezes esse pensamento ultrapasse territórios, ou não. Queremos assim incitar reflexões sobre aquilo que mora no coração, ou ainda ao que pertence ao meu eu, dono de mim e por isso movimenta o homem em seu

caminhar, no sentir e em suas vicissitudes.

Veremos, portanto, um exemplo onde o sentimento está intrinsecamente ligado a lugar, consonante ao sentido de material e territorial, e na falta deste a alma sente, sofre, padece.

Mãe Rosa estremeceu:

- Tá falando verdade, Zé? Não é prosa, não?

Zé Pedrosa, calado estava, calado ficou.

Ela então num tom de desespero:

- Como é que a gente arruma coragem de deixar o nosso cantinho, homem de Deus?

E gemeu, mãos alevantadas pro céu (...)

- Valei-me meu Nosso Senhor Jesus Cristo, que não posso mais! O que vai ser da gente nesse oco do mundo, minha Nossa Senhora da Conceição? O que vai ser feito da gente?

Enxugou os olhos (...). Depois:

- Uma pena quando me alembra do canto de nossas redinhas... Do lugar onde a gente se sentava, aqui no terreiro... Quero bem as tremes. E os teréns da gente, Zé? E os terenzinhos? Ó meu Deus!

(...)

Ela prosseguiu nas lamentações:

- Mais antes a morte. Tirai-me Pai do Céu! (...)

Zé Pedrosa tinha pena sim. Aquilo doía-lhe dentro da alma. Mas o sertanejo do Nordeste não sabe chorar. (ANDRADE, 1934:104-105).

Cordeiro de Andrade, romancista sobralense, ao escrever a obra *Cassacos* retrata o cearense por meio da literatura regionalista, chamando atenção para o sofrimento e abandono desses sujeitos em condição de flagelado ao qual o autor denomina como cassacos³⁴. Dentre as várias perdas e adversidades que o sujeito retirante é submetido, ele também é obrigado a migrar de seu “chão”, ponto de apoio e seu sustentáculo, para a desventura de terras alheias, “cidades dos outros” e que possivelmente trariam alento e recursos financeiros.

Porém, só de imaginar a separação de sua casa, e de seu pequeno patrimônio que remete a conquistas materiais e imateriais, já causa profunda agonia nas personagens Zé Pedrosa e Mãe Rosa, onde esta última, recorre até a divindade para que impeça o inevitável: a migração.

Segundo o filósofo Heidegger isso se justifica pelo fato de habitar está ligado a construir, numa relação de meios e fins, pois o próprio construir já resulta em habitar, ou seja, para o casal citado acima, tudo o que foi conquistado ou experienciado não teria mais significado, pois os sentidos são atrelados “à sombra” da construção de sua casa e o que nela foi vivido.

³⁴ Biologicamente, cassaco é um animal na categoria de marsupial que exala uma toxina para se defender, por isso metaforicamente atribui-se aos flagelados da seca esse codinome, pelo fato de andarem malcheirosos.

Deste modo, vários significados e sentidos perpassam no coração de um morador em suas cidades existenciais. Existem cidades dentro de uma cidade. Existem a dinâmica do (des)conhecer cidades já identificadas em si. Existem ainda o encanto por terras alheias que no (re)encontro com suas intimidades passam a pertencer a seus recantos de felicidades.

Existem passantes, pedestres, transeuntes nas cidades. Cidades que abrigam não só ruelas, casarões, becos, bustos. Elas, são “muito mais do que um lugar físico, conceitual e geometrizar (...)”, mas um “lugar fictício”, ou seja, uma invenção da razão e do coração” (MELO,2015: 2)



Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que não seria o mesmo que dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e acontecimento do passado. (CALVINO,1972: 12)



Cidades. Cidades minhas, cidades suas. Cidades de gente. Pessoas que enxergam a cidade ora atônita, ora contemplativa. Percebem-na na sublimidade dos sorrisos de suas crianças, ou quem sabe no cheiro de terra molhada de suas praças, ou nos encontros dos namorados na Pedra do Amor³⁵, já inexistente devido o ronco de tratores que deu espaço ao moderno.

Mas o amor, a paixão, essas também pertencem a cidade, movimentando o andar e o sentir desses cidadãos. Gente que passa apressada, gente que vive o passar, em finita completude. Gente! Comerciantes indo para seus trabalhos, lavadeiras com suas imensas trouxas de roupas, crianças com seus caderninhos riscados, cientistas e suas pesquisas, farmacêuticos, garis, irmandades, pescadores, historiadores, literatos.

Homens de saber que vivem a cidade, porque a(s) cidade(s) saborosa(s) que são, vivem neles. Cada um dentro do seu labutar, cada um dentro do seu ofício, cada um, há de se enamorar como um poeta que todos dias se apaixona e declama versos de amor à sua amada senhora: A cidade.

Ó bela Camocim, és excelência por natureza e senhora por tanta beleza, por isso mãe, não é comum uma simples palavra e nem tampouco com um simples gesto que posso te dissertar, peço-te licença para adentrar nas tuas intimidades porque te conheço e conheço tuas qualidades. O orgulho me envaidece por eu ser teu filho e a alegria toma conta de mim quando falo das tuas belezas, dos teus encantos e da tua nobreza. (COUTINHO, ROCHA, 2016).

O poeta, enquanto cidadão que habita um lugar sentido, expressa também esses sentimentos na feitura de seu ofício. Deste modo, seus anseios são subjetivados por

35 A “Pedra do Amor” citado no texto, é um lugar de memórias da população que residem nas proximidades do bairro Alto da Brasília, na cidade de Sobral- CE. Mantendo-se firme, até meados da década de 1990, porém com o inchaço demográfico populacional da região, a prefeitura retirou-a para a construção de novas moradias.

expressões artísticas, a poesia³⁶, tendendo a retratar, o tempo do vivido, em versos e rimas. Sensações.

Ele, assim como qualquer indivíduo, é também sujeito do seu tempo. Ele, portanto, experimenta, vivencia fatos, compartilha eventos de outrora, narrados a si. Contudo, tudo o que sentira ou recebera, é canalizado, mas não de forma pura, copiada. Mas transmutada. Então de forma “inventiva”, criadora e romantizada, traduz em sua escrita, vivências, contextos e aspirações, imprimindo reminiscências já passadas.

Outrora eu não vivi o teu passado por completo, porém quem te conhecera dos teus velhos casarões, da tua iluminação a motor, das tuas despavimentadas e de algumas fabriquetas que existiam por aqui, falamos dos magníficos e encantadores navios que tu atracaras em teu cais comercial e do avermelhado e tão belo trem e a outras unidades da federação. (Idem).

Ainda em êxtase, o poeta declama sua admiração por sua cidade, que para ele é a cidade dos sonhos, o modelo do ideal.

Ó encantadora rainha, fonte agraciada, dentre todas, é a mais bela e mais querida, fonte arquitetada pela mão divina ao ponto de receber por teus encantos títulos e condecorações de rainha soberana, mas tu não é somente isso, no fulgor de tua existência e nos teus deslumbramentos, tu ultrapassas os sonhos e as imaginações. (Idem).

Mas, o que tem a poesia com isso? E o olhar dos poetas e suas subjetividades, diante da escritura da cidade é confiável? Suas sensações, descrições e relatos criativos são seguros para uma investigação científica sob a égide e domínio do discípulo de Clio? Que para o senso comum, ele se compromete a retratar o passado do jeito que foi. E o poeta, o que é, se não um “inventador” de histórias, pautadas em ficção.

Quanta inquietação! Acalmemo-nos! Depois desta ebulição de questionamentos, daremos pistas, para se achar o baú de tesouros. Mas não se pode chegar ao fim sem o meio. Convido-vos, portanto, a passear em Atenas, a cidade Grega e a visitar seus mitos fantásticos, situados lá no Monte Parnaso³⁷. Cumprimentemos Mnemósine, a deusa da Memória e suas nove filhas³⁸ a qual chamaremos atenção para duas delas, Clio

36 Poesia é um gênero literário caracterizado pela composição em versos estruturados de forma harmoniosa. É uma manifestação de beleza e estética retratada pelo poeta em forma de palavras. No sentido figurado, poesia é tudo aquilo que comove, que sensibiliza e desperta sentimentos. É qualquer forma de arte que inspira e encanta, que é sublime e bela. Disponível em <<https://www.significados.com.br/poesia/>> Acesso em 16/12/ 2016.

37 Montanha da Grécia, com 2.418m, situada na Grécia Central, ao norte de Delfos e do golfo de Corinto. Um dos seus picos era venerado como a morada de Apolo e de suas nove musas, enquanto o outro pertencia a Baco. O Oráculo de Delfos situava-se na encosta sul. Devido à sua ligação com as musas, o Parnaso é conhecido como a residência mitológica da poesia e da música.

38 Filhas de Mnemósine e Zeus, as musas da mitologia grega são nove: Clio, Euterpe, Tália, Melpômene, Terpsícore, Érato, Polímnia, Urânia e Calíope.

e Calíope, a primeira amada pelos historiadores e a outra pelos poetas.

Nos perguntamos, portanto, com a relação das duas além de serem musas irmãs? E o que ambas têm a ver com a cidade? E esse de fato é a chave do enigma, ou como diz Gilles Deleuze, tudo que foi emitido são signos, pistas que compõem o hieróglifo que será desvendado logo mais pelos egiptólogos em construção, saciando assim os leitores que porventura estejam acometidos de curiosidade.

Assim explica Pesavento, a relação das musas irmãs que ultrapassam o sanguíneo, mas que se estreitam no diálogo com suas disciplinas a História e a Literatura

Clio se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir³⁹. História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através de suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música. (PESAVENTO, 2006:2).

Compondo o tecido dessa averiguação, na caça ao tesouro já anunciado, precisamos desvendar mais pistas, perceber os indícios, para entender a possibilidade de aproximação entre Clio e Calíope, já que para a historiografia tradicional, a literatura não era um documento confiável.

Viajaremos então lá para os clássicos das histórias infantis, onde visualizaremos Cinderela³⁹, a princesa esquecida. E como historiador Peter Burke⁴⁰ a compara com a História Cultural. Assim, conforme destacamos em pesquisas anteriores:

Peter Burke, em sua publicação “O que é História Cultural?” de 2005 poeticamente metaforiza o processo e a ascensão da História Cultural como um novo campo investigativo na História, enquanto ciência, possibilitando pela sua (re) elaboração uma ampliação maior e novos indicativos reflexivos, para esses objetos, pesquisas e sujeitos. Deste modo, sensivelmente o autor relaciona a História Cultural a ficção dos contos infantis dos irmãos Grimm, através da representação de Cinderela, que diferentemente de outros personagens majestosas, não dispunham de tanta realza assim, no entanto esta singularmente é invisível a sociedade, maltratada por suas irmãs, e desamparada pelos cuidados do pai. (SILVA, 2015:18).

Desse modo, com a ascensão da História Cultural, ou melhor com o fortalecimento de Cinderela, nosso tesouro é de fato encontrado, pois por meio dessa porta, frestas e lascas, o “indesejável”, ganharam evidências e assim nos domínios da História novas problematizações são investigadas, novas abordagens discutidas e novas fontes averiguadas, possibilita assim essa aproximação não só amistosas, mas parceiras de labuta entre as ciências irmãs.

39 Cinderela é uma das personagens da literatura infantil também identificada como Gata Borralheira, pelo fato de durante os afazeres domésticos acabar se sujando com as cinzas da lareira que aquecia aquela família camponesa.

Cinderela, ao atravessar os limites da porta consegue visualizar um território que até então era desconhecido, olhar além do que era permitido, percorrer vias, sentir as sutilezas do mundo exterior, percebendo “os fios de sensibilidade que percorriam o social de ponta a ponta” (PESAVENTO, 2003:31), entrelaçados pelo percurso que lhe levariam ao baile majestoso, e que conseqüentemente tocariam as vias e os limites do coração do príncipe, que sedento por sua doçura se deixa enamorar por sua determinação e simplicidade, em detrimento a isso, a moça (re)surge, cria laços, ganha visibilidade ao ser eleita pelo príncipe como a mais bela donzela e a mais habilidosa das irmãs, cumprindo deste modo seu projeto de matrimônio. (SILVA, 2015: 19).

Bingo! Já podemos contar as moedas, achamos o Tesouro!

Desse modo, fica entendido que a poesia também é meio para se chegar ao passado, assim como peças teatrais, folhetins, romances. Voltamos então para o amor “posto que é chama”⁴⁰, amor este que queima, fere, atíça. O amor que reside no habitar de toda essa tessitura, no “escrevinhar” iluminado de musas, imersas num fervilhar de fatos e ficção. O amor que engradece, amor que palpita e se ludibria. Amor das várias moradas transitadas pelos corações, pedaço de carne sentido, estriado, dolorido. Amor declamado pelos poetas e suas cortejadas senhoras: a cidade. O amor de Cinderela e do seu desabrochar, que possibilitou enxergar um novo mundo e concomitantemente escrever uma nova história.

História sentida. História de gente que habita. Histórias aqui, ali; no canto de cá e de lá. Histórias no vai vem do mercado, histórias no esperar das ferrovias, histórias nas sombras das carnaúbas, histórias tendo como palco o nascer do pôr do sol, histórias de pescador, acredite seu doutor! Histórias com “cheiro de sol e sal”⁴¹, tal qual aquele mar que um dia me encantou e me enlaçou para seu cais.

Compreendemos então que a história é sensível, documentada, registrada sejam em documentos palpáveis ou em memórias atíçadas.

O tempo histórico não o tempo vivido. A história escrita, documentada, distinguem do acontecido: é uma representação. E neste hiato entre o vivido e o narrado que localiza-se o fazer próprio do historiador (...) A história que se escreve de maneira consciente e inconsciente está marcada pela época em que se vive. Fotografar, registrar alguns ângulos das diversas dimensões do real é uma forma de estabelecer, associar acontecimentos e fatos. (MONTENEGRO, 2007:10).

Memória e História. Mnemósine e Clio. Diálogo mor entre mãe e filha. Desta feita é inevitável pensar uma sem a outra, é imprescindível viver o passado, sem ser atíçado pelo ímpeto das recordações e das poesias que animam esse movimento do que se quer lembrar. Pois o passado se compassa, diante dos passos que o homem produz. E nele reside memórias, ímpetos, lapsos, que (re)vivem o que outrora são guardados, ora

40 Trecho da poesia *Soneto de Fidelidade* do poeta Vinicius de Moraes.

41 Depoimento de Emanuel Rocha, artista camocinense, ao tratar de suas memórias de infância ligadas ao mar.

ativados ou por ora esquecido.

Assim, o que é esquecido, não visto, reinventa-se.

Clio e seus discípulos, ao escreverem as narrativas dos homens nos pergaminhos da vida, fiam, tecem como “uma arte de inventar passado” (ALBUQUERQUE JR., 2007), dentro duma “ficção controlada”, (PESAVENTO, 2005) onde memórias e documentos, ambos mantenedoras de tesouros e experiências humanas, narram vivências, repletas de cheiros, sabores e odores.

Quem não guarda em suas memórias, seu primeiro beijo, sua primeira peça de teatro, o doce de caju de sua avó que lhe recepcionava no fim de tarde, ou as histórias de assombração que ouviu quando criança. Quem não lembra do passeio de canoas, que ligam o sólido ao marinho, o encontro de pescadores e suas deusas aflitas que “com coração em alto-mar”⁴² esperam seus homens para enfim repousar, ou ainda um marinheiro que se prepara ao encontra do mar, pois sentido faz quando no seu ofício, escolhe a fiel solidez da companhia das águas.

Quem me dera se eu fosse um marinheiro/ e em teu leito pudesse navegar/Para contigo nas matas me embrenhar/E pelo vale subir o dia inteiro/. As nascentes seria meu roteiro/E o Atlântico meu ponto de chegada,/Nem que fosse em plena madrugada/Para que a lua pudesse ver primeiro/. (PESSOA:2015).

O mar da memória a qual mergulhamos é o mar das lembranças, imersas no experimentar das águas salgadas, do vivido, do sabido, que fortalecem reminiscências de uma descendência, herdadas pelo patrimônio das águas.

A água que é viva, que se revigora e leva embora. Água que traz cidades, embala amores, ancora saudades. Águas que aspergem memórias, constituindo histórias de um vaivém de gentes, musas, caça-tesouros, poetas, historiadores, que sob pena e tinta assumem uma feitura do passado em palimpsestos. Ora imprimindo fatos, ora ficcionalizando o (i)real, habitando assim cidades intensamente (ena)moradas.

Proposta Pedagógica

Traçaremos uma proposta lúdica, de ensino-aprendizagem, que verse sobre as reflexões trazidas em nosso ensaio VIVER E HABITAR: REFLEXÕES SOBRE A POÉTICA DAS CIDADES E SUAS MEMÓRIAS.

Para tanto, na efetivação desta atividade nos pautaremos em motes norteadores que dialogam com os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN's⁴³, visando trabalhar com abordagens que transcendem ao currículo escolar, deste modo nos direcionando para

42 Trecho da música *A Cidade e o mar* do compositor brasileiro Toquinho.

43 Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), através da Lei de Diretrizes e Bases, mais conhecida como Lei Darcy Ribeiro de 1996, propõem uma uniformidade no ensino, no sentido de nortear a (re)orientação curricular do sistema educacional brasileiro, garantindo deste modo melhorias no ensino-aprendizagem, visando sobretudo um compromisso com a cidadania, que evidencie uma formação não só profissional, mas pessoal do indivíduo, capacitando-os como seres conscientes, questionadores e reflexivos.

discussão das temáticas transversais, chamando a atenção para a *diversidade cultural* que contém as cidades.

O aluno enquanto um ser social e cultural e, portanto, reflexivo, se identifica com espaços, práticas culturais, sociabilidades e símbolos, estabelecendo assim várias moradas dentro de uma só cidade, seu coração.

Assim, ele verifica elementos que permeiam sua vida e seus sentimentos, que ataçados por suas memórias, reconhecem a valorização de seus bens culturais, entendendo que o outro, que também sente, reside em particularidades diferentes, e que juntos remontam histórias, constituindo uma malha urbana enérgica e viva.

Deste modo, verifica-se uma dinâmica que considera os bens patrimoniais construídos e em construção, a qual por meio da aplicação do **Caça-tesouros**, nossa proposta pedagógica, várias abordagens entraram em cena como a importância de *Memória, História, Cidade(s) e Preservação patrimonial*, entendendo assim, que cada palavra geradora tem sua importância, na disseminação do conhecimento e na identificação de si, portanto a necessidade de valorização e salvaguarda desses bens.

Entendendo o enigma

O Caça-tesouros

Nossa atividade pedagógica, é parecida com os famosos caça-tesouros, que alguns alunos já devem ter brincado em suas infâncias. Sua dinâmica consiste em três momentos: 1. **Examinando Mapas**, 2. **Seguindo as pistas**, 3. **Tesouros das lembranças**. Fiquem todos bem atentos e boa diversão!

• Examinado Mapas

Esse é o momento da apresentação da dinâmica e do convite aos alunos para envolverem nessa investigação. Primeiramente examinaremos o mapa para entender de que forma começa o caça-tesouro. Nosso mapa será o ensaio VIVER E HABITAR: REFLEXÕES SOBRE A POÉTICA DAS CIDADES E SUAS MEMÓRIAS, que norteará as discussões e dúvidas ao longo da dinâmica.

Nessa etapa, o professor e a turma irão discutir o texto, ou seja, o mapa, visualizando as várias cidades que existem dentro deles, sejam eles sensitivas, sejam eles materiais. (Esse momento será de reflexão e indagação)

A seguir, questioná-los: “*Quantas cidades existem dentro nós?*”, “*Quantas vezes nos sentimos estrangeiros em nossa própria cidade?*”, “*Que personagens, tipos residem em nossa cidade/ território?*”, “*Quais paisagens compõem nossa cidade?*” para que suscitem entendimento sobre os conhecimentos que queremos abordar

Para essa reflexão, é necessário atçar palavras chaves como **MÉMORIA, HISTÓRIA, CIDADES, PATRIMÔNIOS**, fundamentando assim como ponto de apoio para toda atividade trabalhada.

- Seguindo as pistas

No segundo passo da atividade é o momento em que a turma se dividirá em equipes, para brincar de um “jogo de trilha”, onde perguntas e repostas percorreram questionamentos sobre cidades.

Essas perguntas serão de vários níveis, desde as mais fáceis (com questões de interpretação ou de identificação de elementos que dialogam com a temática), às mais difíceis, que requeiram um pouco mais de atenção, (poderá ser um conceito, ou uma personalidade que mora na cidade e nem todos conhecem, entre outros). Nesse momento da dinâmica, o professor deverá elaborar as respostas conforme o que foi estudado, refletido e até mencionado. Pode ser inclusive uma curiosidade levantada pela turma, ou uma questão conhecida por todos.

A medida que a equipe acertar uma pergunta, ela caminha uma casa e assim sucessivamente, até chegar ao final. Ganha a equipe que primeiro percorrer todas as casas.

- “Tesouros das lembranças”

Essa ocasião será a culminância da dinâmica, pois já percorrido as outras etapas que consistiam em averiguar o mapa (ensaio), e reconhecer as pistas (identificar bens patrimoniais ligadas a região), os alunos serão convidados agora, a trazerem personagens da comunidade, que habitam a cidades e que, portanto, ajudam a contar a história dela.

Esses sujeitos vividos e experienciados, ao trazerem na bagagem suas memórias, terão que compartilhar suas vivências e lembranças com a comunidade escolar. Situando, deste modo, a residência de seus corações e a cidade de seus desejos. Ganha a equipe que trouxer mais “guardiões de memória”, com maior número de histórias.

Fontes:

COUTINHO. Valdecir Roberto. ROCHA. José Carlos Alves. **Homenagem aos 137 anos de Camocim**. Disponível em <<http://camocimpotedehistorias.blogspot.com.br/search?q=homenagem+aos+137+anos+de+camocim>> Acesso em: 10/12/2016.

PESSOA. Francisco da Paz. **Um poema a Camocim**. Disponível em <http://camocimpotedehistorias.blogspot.com.br/search?q=meu+rio,+meu+mar> Acesso em: 10/12/2016.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **História**. A arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história. Bauru (SP): Edusc, 2007.

ANDRADE. Antonio Cordeiro de. **Cassacos**. Rio de Janeiro: Adersen editores, 1934.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**: 1929-1989. São Paulo: Edit. Univ. Estadual Paulista, 1991.

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. Cia das letras, 1990. 1º ed (Le Città Invisible, 1972). Trad. Diogo Mainard.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. 1954. Disponível em: www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf. Acesso em 16/12/2016.

MELO, Francisco Denis. **Abrem-se as cortinas**: Histórias e Memórias sobre o Theatro São João (1930- 1980). Sobral: Edições Ecoa, 2015.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Introdução. In: **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 6º ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

_____. **História & Literatura**. Uma velha nova história. Nuevos Mundos Nuevos, Debates, 2006. Disponível em: Acesso em: 16/12/2016.

SILVA, Germana Maria Lopes da. **Entre Clio e Calíope no romance Cassacos**: “O trem fugia sempre, com medo do destino que perseguem as coisas paradas. 2015. Monografia. (Licenciatura em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, Sobral, 2015

13. A PRAIA DO MACEIÓ – CAMOCIM. ENCHENTE DE 1985 E A PESCA ARTESANAL.

Rodrigo Sousa Ferreira

Aluno do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará - UVA

Podemos conhecer um lugar de muitas formas, através de diferentes perspectivas, essa multiplicidade de óticas é diversificada pelas particularidades que guardam as vivências pessoais, eivadas de experiências, positivas, negativas ou até mesmo indiferentes. Os valores que carregamos no nosso julgamento, dão o tom dos diferentes matizes que ordenam nossas visões. Um local apazível, que conforta e proporciona paz para uns, pode ser motivo de agonia e inquietação para outros. Para uns, o lar, local onde há pessoas que se ama, pode ser apenas o estaleiro para um suspiro aliviado, local para recobrar fôlego para retomar uma longa jornada. Assim, compreendemos que a subjetividade permeia nossas impressões ao contato com o meio.

A praia de Maceió, famosa pela sua beleza e aura inebriante, é atrativo fácil para

aqueles que querem conhecer o litoral cearense. Entretanto, o mesmo lugar, é (foi) o lar de muitas pessoas, quando era apenas um vilarejo de pescadores e suas areias ainda estavam intocadas pelo mercado do turismo, com seus hotéis e restaurantes sofisticados, frequentado quase que invariavelmente por turistas. Os *outsiders* que chegaram à busca de bons negócios, os visitantes, devem ter muitas boas memórias sobre a praia. Trabalho, dinheiro. Diversão, bronzamento. Mas e os nativos? Os pescadores que erigiram ali suas modestas moradias, para viverem suas modestas vidas de pescadores? Ali, aonde prevalece hoje o deleite dos dias sabáticos, já foi palco de um triste acidente natural, uma grande enchente que atingiu várias famílias, no ano de 1985. É sobre isso que escreve Paulo Henrique dos Santos, aluno do curso de História do PARFOR/UVA/CAMOCIM.

Valendo-se de relatos obtidos com dois pescadores, o autor historiciza as memórias em torno desta tragédia, e como ela influenciou na trajetória de vida de diversas pessoas, que perderam seus pertences, casas, tiveram que se mudar, e mudar de vida. A principal atividade econômica era a pesca, fonte de renda da maioria dos moradores, sejam os pescadores, ou os proprietários de currais de pesca.

Nessa época a comunidade era composta por uma média de 70 famílias, quase todas as casas eram de taipas e cobertas por palhas de coqueiro ou carnaúbas, existia apenas uma casa de alvenaria, a da família do Seu Jonas Ciríaco, um dos donos dos currais e comprador de peixes daquela época.

O excerto revela a humildade do vilarejo, composto majoritariamente por moradias simples, embora um morador se diferenciasse por sua condição social privilegiada frente aos demais, pela sua moradia (casa de alvenaria), podemos inferir que se tratava de uma comunidade pobre. Isso os tornava bastantes frágeis diante de qualquer intempérie que viesse acometê-los, como foi o caso da enchente provocada pela elevação do nível d'água do Lago do Boqueirão.

O então lago próximo a vila de pescadores, conhecido como Lago do Boqueirão (Boqueirão é uma pequena localidade que fica à 15 km da praia, onde fica o lago) teve seu nível d'água muito elevado, sangrando e vindo de encontro com ao mar, que por sua vez provocaram grandes ressacas.

A tragédia teve consequências nefastas para os moradores, que desabrigados, tiveram que ir embora, mas foram amparados pela solidariedade da comunidade camocinense, o poder público, e o Tiro de Guerra 10 001, de Camocim.

O uso das fontes orais para a pesquisa historiográfica, permite visitar lembranças sobre acontecimentos do passado, e tentar traçar uma narrativa sobre eventos marcantes para os entrevistados, que podem, assim, à medida que dão seus relatos, se colocarem como sujeitos partícipes do processo histórico, como agentes e detentores das fontes que serão historicizadas pelo pesquisador. Contudo, é necessário compreender

as fontes orais em suas particularidades, ciente de que são sujeitas à filtros e seletividade, portanto:

Precisa-se entender que história oral não é uma técnica de coleta e armazenamento de depoimentos, ela deve ser analisada, levando-se em conta a apropriação do meio pelo indivíduo, observando suas incertezas, inseguranças e hesitações demonstradas na hora da entrevista. A história oral é feita pelo recolhimento de lembranças, e o historiador deve estar alerta de que o sujeito não revive o passado, ele refaz o passado, ele remodela suas lembranças, refazendo-as pelos valores do presente. (ALMEIDA, 2013, p. 8)

O uso da história oral permite trilhar caminhos que seriam inacessíveis por documentos escritos, que possuem caráter mais restritivo, embora também sejam subjetivos. Contudo, ao lidar diretamente com pessoas entrevistadas, se estabelece uma relação interpessoal com outro indivíduo, que contém inseguranças, convicções, amores, dissabores. As fontes orais, portanto, são especiais, pois são fontes vivas, vívidas. Não estão, então, abaixo das outras fontes tradicionais.

[...] a noção de que o documento escrito possui um valor hierárquico superior a outros tipos de fontes, vem sendo sistematicamente contestada, em um século marcado por um avanço sem precedentes nas tecnologias de comunicação. (FREITAS p. 67. 2002).

Os moradores do vilarejo da praia de Maceió foram realocados para outro lugar, e fundaram uma nova comunidade, denominada Caucaia, para onde foram 40 famílias, pessoas em carne e osso, e lembranças.

Os impactos econômicos, sociais e culturais do mercado turístico em locais de pequeno porte, geralmente, modificam radicalmente o modo de vida de moradores, suas formas de sociabilidade alteradas pela “intrusão” de pessoas estranhas à rotina costumeira, com inserção de novas maneiras e costumes. As relações econômicas são incrementadas com novas atividades, possibilitadas pela presença de mais consumidores, com novas demandas, e surgimento de postos de trabalho mais diversificados. A vida humana e a produção social não são estáticas, não poderiam sê-los, a engenhosidade humana, a inventividade da técnica e a tecnologia.

A globalização, enquanto fenômeno manifestado em toda extensão territorial mundial, promoveu a sofisticação dos meios de comunicação, integração das economias internacionais, e a padronização do consumo de produtos seriados. Esse processo foi intensificado especialmente nas últimas décadas com o advento da rede mundial de computadores. Nesse bojo, a indústria cultural tornou expressões artísticas, manifestações da sensibilidade humana, nas artes: literatura, cinema, música e etc. em produto massificado, mercantilizado como bem de consumo. Existe uma hierarquia entre as nações no fenômeno da globalização, isso se revela por exemplo, na *colonização cultural*, com o sobrepujamento hegemônico de modos de vida, como o *american way of life*,

difundido através de Hollywood, ou a supremacia de músicas anglófonas na indústria fonográfica. De tal forma, acontece uma supressão da cultura local e popular nos países periféricos do capitalismo, é possível verificar isso com a progressiva perda de tradições de manifestações culturais como o reisado, maracatu, xaxado, entre outros.

Na praia de Maceió, em Camocim, onde a atividade pesqueira artesanal há muito tempo se configurava como a principal fonte de renda da população local, com saberes herdados de forma geracional. Contudo, isso mudou nos últimos anos, tendo como principal fator propulsor o turismo. Essa problemática foi desenvolvida por Leiliane do Nascimento Sousa, aluna do curso de História PARFOR/UVA/ CAMOCIM, em matéria publicada no blog “Camocim Pote de Histórias”.

De acordo com a autora:

A vila que vivia apenas da pesca artesanal passou a desenvolver uma nova atividade econômica: o turismo. Com isso, a mesma foi sendo desvalorizada por alguns moradores, e pelos filhos dos pescadores, sendo que muitos preferem valorizar o que o turismo tem a oferecer do que preservar a cultura e a memória da comunidade.

É importante frisar a percepção da autora de que a pesca artesanal está vinculada à memória da comunidade, revelando que a atividade não era apenas um mero ganho-pão, mas um modo de vida, passando pela artesanal na própria região dos materiais utilizados na pesca. Essa mesma percepção é compartilhada por um morador, nativo, o pescador Sebastião Ferreira de Sousa, que diz: “É motivo de tristeza ver que alguns dos nativos, não querem mais cultivar a pesca artesanal”.

Percebemos que existe um apego do Sr. Sebastião, pescador nativo, à pesca artesanal como um elemento constituinte da identidade da comunidade, considerando importante sua preservação para salvaguardar a *arte de fazer* elevada a um estatuto de representação do que é *ser nativo* da praia de Maceió, em combate ao esquecimento das novas gerações da pesca artesanal, como se isso fosse “perder as raízes”. Entretanto, de acordo com a autora, o mesmo entrevistado admite que houve uma mudança positiva na condição de vida dos moradores com o acréscimo de novas oportunidades de emprego. Existe, portanto, uma contradição fruto do choque geracional conjugado a uma ruptura no modo de trabalho e modo de vida.

Ambos os textos tratam de temas muito férteis no desenvolvimento de atividades pedagógicas junto às escolas da comunidade. Uma sugestão é a realização de entrevistas aos moradores pelos estudantes, supervisionados e orientados pelos professores, sobre o passado vivido, na praia de Maceió, nos tempos da enchente de 1985, tentando compreender os traumas provocados pela tragédia natural. Na prática pedagógica do ensino de História, essa conexão entre o “ontem” e hoje se manifesta de forma mais imediata, constituindo-se um recurso didático eficaz. A partir disso, o ensino de História Local possibilita uma verdadeira interlocução do passado e o presente para os estudantes, que poderão visualizar a história próxima de nós.

As ambiguidades da relação passado/presente se apresentam, também, quando se trata da articulação entre a produção e a transmissão do conhecimento, ou, dito de outra forma, das relações entre pesquisa e ensino, ou ciência e educação, em História. (NEVES; 1997, p. 20).

A pluralidade de memórias precisa estar contemplada neste processo, e no ensino de História Local, isso é possível, com muita originalidade, e como resultado é possível proporcionar maior afeição entre os alunos com o objeto estudado: sua própria comunidade.

Na escola os alunos aprendem sobre a cultura de outros povos (asiáticos, africanos), e estudam História da Arte, sobretudo europeia, mas raramente conhecem o artesanato local, culinária e festividades, coisas que lhes pertencem, são da comunidade e, portanto, constituem um conjunto, componente da totalidade daquilo que ele é, e vive. Assim, provavelmente os estudantes possam ter um olhar mais sensível para a atividade pesqueira, se não desejarem exercê-la, pelo menos valorizá-la como um elemento importante da comunidade.

Freire (1996), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, é contundente ao afirmar a necessidade de educadores humildes, que não se isolem numa redoma de tutor, encastelado no patamar superior da hierarquia professoral de transferidor de conhecimento.

A presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível e pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinando, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (Freire, 1996, p. 14).

Assim, a participação dos estudantes como protagonistas de ações pedagógicas que envolvam sua própria comunidade, provavelmente conseguirá despertar o interesse, a curiosidade, e o gosto pela pesquisa na fase escolar.

Como forma de avaliação, o que vale é a criatividade, e deixar o espírito jovial da imaginação fluir: desenhos, fotografias, vídeos, paródias, e o que mais o valha, é bem-vindo.

Uma culminância que coroasse o resultado da ação pedagógica numa socialização para a comunidade escolar, com a presença de pescadores e nativos de longa data na escola, seria algo sublime. Essas sugestões, são apenas sugestões, e certamente os professores podem (devem!) modificar, e adequar as ações de acordo com as condições objetivas e subjetivas de cada contexto escolar.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, A. P.; VIANNA, K. S. S; MOTTA, K. S. da; LAGO, R. D. (Orgs.). **Memórias, traumas e rupturas**. Vitória: LHPL/UFES, 2013, p. 1-14.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1998

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: USP, 2002.

NEVES, Joana. “História local e construção da identidade social”. In: **Saeculum** - Revista de História, João Pessoa, Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1997 Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11226>

